



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE CASTANHAL
FACULDADE DE PEDAGOGIA**

**INSTRUMENTOS AVALIATIVOS DE LEITURA E ESCRITA NO 1º
CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL: EM UMA ESCOLA PÚBLICA
EM IGARAPÉ-AÇU/ PA**

TEREZINHA DE JESUS LIMA DA CONCEIÇÃO

**CASTANHAL – PA
2018**

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE CASTANHAL
FACULDADE DE PEDAGOGIA

INSTRUMENTOS AVALIATIVOS DE LEITURA E ESCRITA NO 1º CICLO
DO ENSINO FUNDAMENTAL: EM UMA ESCOLA PÚBLICA EM
IGARAPÉ-AÇU/PA

TEREZINHA DE JESUS LIMA DA CONCEIÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado à Faculdade de Pedagogia do
Campus de Castanhal, Universidade Federal
do Pará, como parte dos requisitos para
conclusão do curso de Licenciatura Plena em
Pedagogia Parfor, sob a orientação do Prof.
Esp. Claudio Lopes de Freitas.

CASTANHAL – PA
2018

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE CASTANHAL
FACULDADE DE PEDAGOGIA

INSTRUMENTOS AVALIATIVOS DE LEITURA E ESCRITA NO 1º CICLO
DO ENSINO FUNDAMENTAL: EM UMA ESCOLA PÚBLICA EM
IGARAPÉ-AÇU/PA

TEREZINHA DE JESUS LIMA DA CONCEIÇÃO

ORIENTAÇÃO: Profº. Esp. Cláudio Lopes de Freitas

BANCA:

Profª Dra. Débora Alfaia da Cunha
Titulação e nome

CASTANHAL – PA
2018

Dedico este trabalho a todas as
pessoas que acreditaram em mim, em
especial a minha mãe e meus filhos que
são meus exemplos de vida

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Deus da minha vida que sempre me deu forças para nunca desistir dos meus objetivos; a minha mãe por tudo o que fez por mim, pois sempre me incentivou, aos meus filhos por sempre terem compreendido as minhas ausências no meu período de estudo; ao meu esposo e a toda minha família. Todos os meus professores do curso de Pedagogia, pois todos foram de suma importância em minha formação profissional e até pessoal, em especial ao professor orientador Claudio Lopes de Freitas pela importante contribuição para que este trabalho fosse realizado. A todos os meus colegas do curso de pedagogia.

Ao PARFOR, que pelo uso de seus poderes abriu suas portas e tornou possível essa formação principalmente profissional, mas também pessoal do curso de pedagogia.

Agradeço imensamente minha amiga, professora Rita de Cassia que sempre torceu por mim e me incentivou. A minha colega de trabalho Nelly Anny Murakami por sempre ter me ajudado quando precisei. As professoras entrevistadas na pesquisa de campo.

Não poderia esquecer da professora Márcia da Silva Carvalho e as colegas Caroline, Elsa, Edilena, Maria Elcione, Maria Leonícia, Milene, Suylma e Waldene.

Em suma, a todos que me incentivaram e ajudaram.

Tudo parece impossível até que seja feito.
(Nelson Mandela)

LISTA DE SIGLAS

MEC	MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
TCC	TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
UFPA	UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
PNAIC	PACTO NACIONAL PELA ALFABETIZAÇÃO NA IDADE CERTA
PPP	PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO

RESUMO

O trabalho apresentado tem por objetivo investigar quais os instrumentos avaliativos de leitura e escrita no 1º ciclo do Ensino Fundamental que são utilizados pelo professor, em especial aqueles utilizados para identificar os níveis de desenvolvimento da escrita e leitura. Busca ainda descrever como os docentes utilizam esses instrumentos e como estão trabalhando para que os discentes avancem quanto ao nível de desenvolvimento da escrita e leitura. Este trabalho está dividido em duas seções, a primeira teórica e a segunda empírica. Aplica-se a este trabalho o foco qualitativo. Para a sua realização foi realizado entrevista-semiestruturada individual com a colaboração de três professoras do ensino fundamental, que atuam respectivamente com 1º, 2º e 3º ano. Com base nos resultados obtidos, conclui-se que os professores utilizam diversos instrumentos de avaliação de leitura escrita, bem como trabalham os níveis de desenvolvimento tanto escrita quanto da leitura, além de terem um comprometimento inegável com a alfabetização dos docentes.

Palavras-chave: leitura, escrita, alfabetização;

SUMARIO

INTRODUÇÃO.....	10
SEÇÃO 1: ASPECTOS TEÓRICOS E PEDAGÓGICOS DA AQUISIÇÃO DA LETURA E DA ESCRITA NO CICLO DE ALFABETIZAÇÃO	13
1.1 Alfabetização, letramento e ortografia	13
1.2 Os níveis conceituais da escrita	23
1.2.1. Pre-silábico Restrito	23
1.2.2. Pre-silábico avançado.....	24
1.2.3. Sílabico.....	24
1.2.4. Silábico – alfabético	25
1.2.5. Nível Alfabético	26
1.3. A Avaliação dos níveis conceituais da escrita: instrumentos e metodologias.....	26
1.4. Experiencias com a avaliação de leitura e escrita no ciclo de alfabetização.....	28
II – SEÇÃO 2 – O TRABALHO DE CAMPO	32
2.1 Metodologia do estudo	32
2.2 Caracterização da escola pesquisada	32
2.3 Caracterização dos entrevistados.....	35
2.4 Sobre a formação inicial e continuada.....	36
2.5 Concepção e Prática de Avaliação de Leitura e Escrita	38
CONCLUSÃO.....	63
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA.....	65
ANEXO	67

INTRODUÇÃO

O presente trabalho, intitulado “Instrumentos avaliativos de leitura e escrita no primeiro ciclo do ensino fundamental”, tem como objetivo investigar quais instrumentos os professores utilizam para identificar os níveis de desenvolvimento de escrita dos alunos. Tal estudo é relevante porque além de revelar um resultado qualitativo ao meu objeto de pesquisa, encaminhará ações, reflexões e novas ações no sentido de melhorar nosso trabalho com o público em questão. Terá também grande relevância para a minha vida profissional ao qual envolve minha prática docente que considero ainda de pouco tempo, apenas dezesseis anos. Porém, bastante diversificada, pois já trabalhei com quase todos os públicos.

Iniciei minha prática docente com uma turma do Programa Alfabetização Solidária, que atendia jovens e adultos. Depois, trabalhei com turmas de creche e pré-escola, turmas do 1º ao 3º ano e também turmas multisseriadas de 3º e 4º ano do ensino fundamental. Todos estes públicos ao mesmo tempo diferentes e parecidos entre si. Sendo que a maioria deles sempre envolveu a alfabetização e os caminhos necessários para que se possa alcançá-la.

A minha prática docente nos últimos anos sempre se deu com alunos do 1º ciclo do ensino fundamental. Tinha que preencher fichas e pareceres individuais dos discentes, descrevendo o desenvolvimento dos alunos e até o nível de escrita que se encontravam. Portanto, tinha que conhecê-los, identificá-los e relacioná-los.

Quanto ao início da minha formação no PACTO, no ano de 2013, foi muito importante, pois me levou ao interesse pelos instrumentos avaliativos de leitura e escrita e conseqüentemente pela psicogênese da língua escrita. Todos estes objetos permeavam muito esta formação, e também aquilo que os docentes precisavam saber para trabalhar os níveis de escrita, os instrumentos avaliativos e como aplicar e avaliar os resultados sem cometer erros.

Então, na disciplina Psicogênese da Linguagem Oral e Escrita ministrada no 3º semestre do curso de pedagogia passei a conhecer mais sobre o tema, suas minúcias e processos variados. Sentir-me na necessidade de aprofundar esse conhecimento que seria tão importante na minha prática e que me envolveu de forma tão significativa. O que fez crescer em mim o interesse e por meio da pesquisa de campo, investigar quais instrumentos avaliativos de leitura e escrita os professores do 1º ciclo utilizam para identificar os níveis de desenvolvimento da escrita.

Dessa forma, essa pesquisa contribuirá para que os professores possam refletir sobre sua prática e até melhorá-la, em especial no que diz respeito ao uso de instrumentos

avaliativos de leitura e escrita no 1º ciclo do ensino fundamental. Isso trará um grande crescimento tanto para minha vida pessoal quanto profissional, pois a troca de experiência possibilitará aprendizagem para ambas as partes.

Assim sendo, a comunidade escolar que está inserida no município de Igarapé-açu seria a principal beneficiada, como também a sociedade no geral, já que professores bem qualificados poderão desenvolver uma prática educativa voltada aos interesses sociais atuais, especialmente no que tange a construção da cidadania.

Esta pesquisa busca responder se os professores do 1º ciclo do ensino fundamental estão identificando os níveis de desenvolvimento da escrita e quais instrumentos os mesmos utilizam para identificar estes níveis. Sendo que a apropriação destes instrumentos pelo professor é um importante subsídio que irá nortear o caminho que o professor deve seguir para possibilitar o desenvolvimento das crianças nesta etapa.

Esta pesquisa tem como objetivos responder os seguintes questionamentos:

- Conhecer os instrumentos que os professores utilizam para identificar os níveis de desenvolvimento de escrita dos alunos.
- Descrever os instrumentos que os professores utilizam para identificar os níveis de desenvolvimento de escrita.
- Relatar como os professores trabalham para que os alunos avancem quanto ao nível de desenvolvimento da escrita.

Este estudo buscou saber quais instrumentos os docentes utilizam para identificar os níveis de escrita; descrever como os professores utilizam esses instrumentos e como trabalham para que os alunos avancem em seu desenvolvimento quanto ao nível de escrita.

Para realizar o presente estudo terei como suporte a pesquisa bibliográfica e de campo. A mesma será orientada pelo paradigma qualitativo. De acordo com Gamboa (2013, p.41) no paradigma qualitativo “seu propósito fundamental é a compreensão, explanação e especificação do fenômeno”.

Terei como base para a minha pesquisa a consulta dos seguintes teóricos que serão de suma importância da mesma: Luiz Carlos Cagliariere, (2002); Maria Rosário Longo Morttati (2006) e outros que vão fazer diálogo com eles.

A pesquisa de campo se dará em uma escola pública de ensino fundamental da rede estadual localizada na zona rural de Igarapé-açu. Para tanto, para a coleta de dados ou informações, irei fazer uso da observação e utilizarei além desta, a técnica entrevista semiestruturada, dessa forma passaremos a conhecer a realidade para assim transcreve-las.

Este trabalho será disposto em duas seções. A primeira diz respeito ao referencial teórico que aborda os aspectos teóricos e pedagógicos da aquisição a leitura e da escrita no ciclo de alfabetização. A segunda apresenta a pesquisa de campo, onde terei como teóricos, Emília Ferreiro (2010), Gatti (2009) e outros. A referida pesquisa será realizada na escola da rede pública Estadual João Paulo II.

SEÇÃO 1: ASPECTOS TEÓRICOS E PEDAGÓGICOS DA AQUISIÇÃO DA LETURA E DA ESCRITA NO CICLO DE ALFABETIZAÇÃO

1.1 Alfabetização, letramento e ortografia

Nos primeiros anos que a criança adentra o espaço escolar, terá contato com algum tipo de atividade que o leve a leitura: imagens, letras, cartazes, até o simples fato de ouvir histórias, o que contribui bastante para facilitar a sua aprendizagem e conseqüentemente a alfabetização. Esta, normalmente começa de fato a fazer parte da vida da criança quando ela inicia o 1º ano do ensino fundamental.

No entanto, em especial ao que se refere a escrita e conseqüentemente a leitura, este universo está minado de diferentes veículos, que contribui para que haja essa interação daqueles leitores experientes ou não, que agem sobre esse meio dinâmico e diversificado e vice-versa. Neste sentido, Ferreiro assegura que:

O escrito aparece, para a criança, como objeto com propriedades específicas e como suporte de ações e intercâmbio sociais. Existem inúmeras amostras de inscrições nos mais variados contextos (letreiros, embalagens, teve, roupas, periódicos etc.). os adultos fazem anotações, leem cartas, comentam os periódicos, procuram um número de telefone etc. Isto é, produzem e interpretam a escrita nos mais variados contextos. (2010, p. 44).

Assim a criança se depara com escrita e leitura ao mesmo tempo, e como tal, o objeto da escrita emerge uma intenção e possibilita uma interação, justamente pelo fato de conter informações específicas em um contexto social.

Levando-se em conta a alfabetização, vale ressaltar que para se alfabetizar, não é fácil, pois requer do professor uma série de conhecimentos para também ensinar conhecimentos necessários a quem está sendo alfabetizado. O ato de alfabetizar envolve vários processos, uns mais complexos, outros menos complexos. É importante que o professor tenha em mente o que fazer para alfabetizar, quais mecanismos deverão ser utilizados, além de ensinar os conhecimentos básicos necessários que antecedem a alfabetização para que esta ocorra. Assim sendo, alfabetização é o ato de ensinar a ler e escrever. A primeira está indissoluvelmente ligada a segunda, pois não se ensina isoladamente a leitura e depois a escrita como se fossem coisas separadas, como pondera. (CAGLIARE, 2005).

Como a alfabetização pode ser um processo longo, vai se tornando realidade a partir do momento que as palavras ganham sentido ou significado para quem lê, a criança sabe dizer o que leu. Isso vai ocorrendo de forma gradativa, à medida que as informações são reconhecidas e entendidas naturalmente, se apreende a ler e entender um grupo maior de palavras, frases até chegar a um texto e isso não ocorre de uma hora para outra, precisa de tempo, é um tanto complexo.

Neste sentido, aprender a ler também significa adquirir certos conhecimentos adequados para decifrar a escrita e com isso, ler uma palavra, frases e textos. Decifrar é o elemento mais importante no processo da alfabetização, já que isso ocorre quando a criança passa a entender o que leu chegando ao estágio também de entender como funciona o sistema de escrita. Nessa perspectiva, Cagliari pondera que, “decifrar é entender como a escrita funciona. Para ler, uma pessoa precisa saber como o sistema de escrita funciona”. (2005, p.76).

Sendo a alfabetização o ponto alto dos primeiros anos da escolarização de uma criança, sempre foi bastante discutida desde os primórdios até os dias atuais. Ela é objeto de estudo para professores, pesquisadores, estudiosos e a todos que se interessam por essa área tão complexa e ao mesmo tempo tão desafiadora para muitos.

Pode-se dizer que a alfabetização sempre passou por dificuldades não apenas atuais, mas desde o seu surgimento. Entre outras reflexões, hoje ela é pensada, tendo que se cumprir uma meta, para os educandos que devem ser ensinados a ler e escrever até o final do 3º ano a qualquer custo, como também para os docentes que devem se fazer cumprir essa meta obedecendo o mesmo caminho.

Nesse sentido, a nova Base Nacional Curricular Comum, diz que: nos dois primeiros anos do Ensino Fundamental, a alfabetização, deve ser privilegiada. Portanto, as práticas pedagógicas para com os educandos, devem estar voltadas para esse fim. Assim, por meio das oportunidades que serão dadas, o aluno deverá apropriar-se do sistema de escrita alfabética, e que este articulado com outras habilidades de leitura e escrita, se relacione com práticas diversificadas de letramentos (BNCC, 2018).

Com essa nova regulamentação da legislação, o tempo para se alfabetizar passará de três anos para dois anos.

A alfabetização no seu contexto histórico surgiu como o ideário de um novo país nação, o qual passou a se preocupar com a educação no final do século XIX. Assim, a escolarização, embora no início tenha sido realizada de forma assistemática, atendendo

apenas a alguns privilegiados, passou a ser concebida em seu poder de forma obrigatória, leiga e gratuita a outros, dessa vez de maneira sistematizada.

Neste sentido, sendo a leitura e a escrita um ato complexo, como também social, tinha em seu caráter promover a ascensão de um novo cidadão para um estado novo, preparado para uma cultura de letramentos pensados daquela época, incorporando uma relação do sujeito com si e a sociedade.

Sobre as dificuldades que envolvem a escola e a alfabetização, especialmente nas duas últimas décadas; Mortatti, (2006) alerta que houve, “Problemas de diferentes origens”: em um momento do método de ensino, em outro do aluno, do professor, entre outros, demarcando assim o que chamamos de fracasso escolar”.

Vale ressaltar que os esforços de mudanças mediante ao que determina o fracasso escolar, principalmente referentes aos métodos não é um fato apenas dessa época, mas sempre esteve presente historicamente na prática da alfabetização. Assim, os métodos de alfabetização eram os principais ditadores do processo de ensinar a ler e escrever, sendo considerados revolucionário, novo ou tradicional, provocando assim uma hierarquia de disputa de poderes entre aqueles que defendiam um ou outro. Isso perdurou por quase um século.

Como explica Carvalho (2010, p. 81-82) “Tem sido impossível comprovar a superioridade absoluta de um método sobre outro: no máximo, chega-se a conclusão de que, num determinado contexto, a turma alfabetizada pelo método x obteve melhores resultados do que outra, submetida ao método y”. Portanto, podemos concluir com isso que um determinado método, não se sobrepõe a outro e, sim que um determinado método pode contribuir e dar bons resultados para um determinado tipo de turma.

Considerando também as últimas duas décadas o problema da alfabetização caminhou para um novo viés, não mais aquele centralizado na viabilidade de um método ou outro, mas o das políticas públicas como nova responsável a direcionar seu olhar para um problema tão antigo na construção do ato de ensinar a ler e escrever.

Uma das questões relacionadas ao ensino da escrita e leitura estão os métodos que passaram a se fazer presente desde o século XIX; em especial ao uso das cartilhas que foi um instrumento utilizados como meio de recurso viável, dinâmico e necessário para que de fato se concretizasse por meio de seu uso, o ensino.

Assim, de acordo com os estudos de Mortatti, (2006) o primeiro método que surgiu nessa época foi o de Marcha Sintética; conhecido também como (soletração, fônico e silabação) que efetivou o ensino da leitura e escrita da parte para o todo; enfatizando

inicialmente a leitura e reconhecimento das letras; depois as famílias silábicas. Para tanto, fazia-se o uso da soletração, do conhecimento do som das letras e da silabação das sílabas ao qual se estudava; assim partia-se do simples para o complexo. Em relação a escrita, como assevera o mesmo autor, se concretizava por meio da caligrafia e ortografia, ditado e cópia, dando grande relevância ao desenho da letra, bem como a sua perfeição. (MORTATTI, 2006).

Ainda segundo este autor as primeiras cartilhas nacionais produzidas no final do século XIX, sobretudo por professores fluminenses e paulistas, a partir de sua experiência, didática, baseavam-se nos métodos de marcha sintética (de soletração, fônico e de silabação) e circularam em várias províncias/estados país e por muitas décadas.

As cartilhas como recurso didático, ou livros de alfabetização com alguns o chamam, até hoje nos aponta um método de uso, apresenta intervenções, modos de serem utilizadas pelos docentes e até pelos discentes, enfim uma maneira de ensinar. Isso é decorrente desde a sua criação, conforme evidencia Mortatti (2006, p. 06), “O “método Joao de Deus” ou “Método da palavração” [...] consistia em iniciar o ensino da leitura pela palavra, para depois analisá-la a partir dos valores fonéticos das letras”.

Este momento, contribuiu para que houvesse uma disputa entre os que defendiam este novo método e os que defendiam e se apropriavam do método sintético: da soletração, fônico e a silabação. E por meio dessas disputas, surge então uma nova forma de pensar a leitura como algo que envolve uma questão bem significativa que é o “como” e o “que” ensinar considerando os métodos de ensino. (MORTATTI, 2006).

A constante presença dos métodos, para assim dar conta de solucionar o problema da leitura e escrita, sempre foi renovada com o surgimento de uma nova metodologia contida em um novo método. Assim no método conhecido como analítico, o ensino da leitura acontecia do “todo” para depois realizar uma análise das suas partes constitutivas, ou seja, o ensino da leitura tinha seu ponto de partida no todo. (MORTATTI, 2006)

Neste contexto de criação de métodos e disputa que já mencionamos aqui; a história data um momento também importante, como assim colocado por Mortatti (2006, p.08)) “no final da década de 1910, que o termo “alfabetização” começa ser utilizado para se referir ao ensino inicial da leitura e da escrita”. No entanto, um termo tão antigo quanto as questões aqui em exposto, se entrelaça a um mesmo tema ainda atual.

Levando-se em conta a escolha por métodos e até a junção destes, não é um fato apenas dos dias atuais, recorrer a isso por quem deles se apropria, mas sempre estiveram presentes como uma âncora a qual servisse para solucionar de imediato as questões relacionadas ao complexo ensino da escrita e leitura.

Como nos explica em seus estudos, Mortatti, (2006, p.08):

No entanto, buscando conciliar os dois tipos básicos de métodos de ensino da leitura e escrita (sintéticos e analíticos), em várias tematizações e concretizações das décadas seguintes, passaram-se a utilizar: métodos mistos ou ecléticos (analítico-sintético ou vice versa), considerados mais rápidos e eficientes.

Com a construção em torno dos modelos dos métodos que deveriam ser seguidos; o autor afirma que chegou-se à conclusão que, para que ocorresse o processo de alfabetização seria necessário, uma “medida” que atendesse tanto a maturidade das crianças, quanto a classe ao qual estava inserida. (MORTATTI, 2006).

No entanto, a partir do início do ano de 1980, os modelos tradicionais de alfabetização, passaram a ser questionadas, dado as novas exigências sociais e políticas, apoiados em propostas que viessem superar as dificuldades que até então permaneceram e permanecem tão presente no que diz respeito a alfabetização. E assim, na busca por “soluções para esse problema introduziu-se no Brasil o pensamento construtivista sobre alfabetização”, advindos da pesquisa sobre a psicogênese da língua escrita, da argentina Emília Ferreiro.(MORTATTI, 2006, p.10).

Como vimos a construção dos métodos de ensino para a aprendizagem da alfabetização, provocaram disputas por seus modelos, mas em relação ao construtivismo, vale ressaltar que ele “não foi pensado como mais um método, mas surtiu um efeito, uma revolução conceitual, o qual refletiu o novo paradigma que envolveu os próprios conceitos, bem como a desmetodização em relação a alfabetização e a se questionar o uso das cartilhas”. (MORTATTI,2006)

Quanto ao uso das cartilhas, até hoje é sabido que muitos professores ainda o utilizam, recorrendo até as tradicionais, também pelo fato de que ainda haja sua circulação, embora hoje é possível se ter modelos de cartilhas mais modernas elaboradas por seus co-autores, pois muitos professores acabam criando a sua. Recorrente ao que citamos aqui, no passado não foi diferente segundo as palavras de Mortatti (2006), “Apesar disso, as antigas cartilhas que acompanhavam as novas, não saíram de circulação; servindo ainda de consultas para muitos professores com a finalidade de seu uso contribuir para o ensino na alfabetização”. (MORTATTI, 2006,p.11).

Como podemos observar em todo o contexto histórico-teórico, muitas foram as mudanças no que diz respeito a alfabetização, no sentido de promover sua efetividade. Assim Mortatti, autor e pesquisador sobre os métodos ainda explicita que “as disputas” por

determinados métodos, a cada momento, configurou assim “permanências e semelhanças” de um período para outro; de modo que, mesmo se fazendo uso de um determinado método, o anterior sempre se fez presente”. (MORTATTI, 2006).

Para Mortatti (2006) a alfabetização sempre significou um problema dos antigos e atuais tempos na escola. Ela demandou em sua eficácia, uma questão de métodos, ou seja, significa compreender que a sua efetividade entre outras coisas depende de um método que seja viável, e nesse processo a imposição do uso das cartilhas concretizou-se assim, uma tradição a cultura escolar que refletiu os conteúdos de ensino e seu uso na linguagem da leitura e escrita. (MORTATTI, 2006).

Assim, ainda podemos considerar que os métodos tradicionais de alfabetização e suas teorias serviram para chegarmos onde estamos hoje no que diz respeito a aprendizagem, seja seguindo um modelo ou outro. Foi necessário para todos em especial os educadores testa-los, vivencia-los, qualifica-los, pois sem isso não se teria avanços, retrocessos que muitas vezes são indispensáveis para se compreender o passado e o presente.

Importa ressaltar ainda, que a alfabetização e os métodos de ensino estão intrinsecamente ligados e, na convivência com estes o célebre educador Paulo Freire escreveu e colocou em prática muitos dos seus métodos. Portanto, nos alerta tanto sobre os métodos, como em relação ao fato de que a alfabetização deveria levar em consideração o contexto social de quem está aprendendo a ler. Seguindo esse raciocínio Freire afirma que:

Verdadeiramente, só uma paciência muito grande é capaz de suportar, depois das dificuldades de uma jornada de trabalho, as lições que citam a “asa”: “Pedro viu a asa”; “A asa é do pássaro”; ou as que falam de “Eva e as uvas a homens que, com frequência, sabem pouquíssimo sobre Eva e jamais comeram uvas. (FREIRE, p.41).

Com essa máxima o autor é consistente ao alertar o quanto o contexto social deve ser importante, pois ele se relaciona com a vivência da pessoa e por isso não deve ser desligado de sua aprendizagem, e sim explorado.

Ainda em se tratando de alfabetização, vale ressaltar que passou e ainda passa por muitas mudanças e avanços. Hoje, por exemplo ela é pensada como um processo amplo que inclui seus usos sociais da língua escrita e falada. por meio do qual esses estudos avançaram para a noção de letramento. Assim, respectivamente, quanto a essas mudanças e avanços, Bizoto, Aroeira e Porto (2010, p.37) comungando da mesma ideia , enfatizam que:

Trata-se, portanto, de um processo que tem início quando a criança começa a conviver com as diferentes manifestações de escrita na sociedade (rótulos, placas, revistas entre outros) e se prolonga por toda a vida, com crescente possibilidade de participação nas práticas sociais, que envolvem a língua escrita (leitura e redação de cartas, de convites, de avisos de obras literárias, por exemplo).

É dessa manifestação que decorre o letramento e entre seus diversos conceitos, de acordo com Tfouni (2010,p.22). “O letramento focaliza os aspectos sócio-históricos da aquisição de um sistema escrito por uma sociedade”. Nesse sentido, o letramento aqui refere-se aos aspectos inerentes em seu contexto sócio-histórico comumente, adquirida por uma sociedade por meio da aquisição de um sistema escrito.

Outro aspecto que historicamente, tem relação com a alfabetização e com os métodos das cartilhas, que foram abandonadas de acordo com as novas exigências sociais e políticas, bem como as críticas que surgiram com a ideia do construtivismo é a ortografia. Ela sempre foi alvo de preocupações desde as gramáticas antigas e também se relaciona com a escolarização daqueles que um dia tiveram na escola. (CAGLIARE, 2002).

Sendo de suma importância, aqueles que dela se apropriaram ou não se apropriarão sentem-se de certa forma reconhecedores de suas aptidões ou não para escrever. Isso é muito claro quando uma pessoa diz que não sabe escrever pelo fato de não dominar a escrita ortográfica, que exige um certo conhecimento e também se relaciona com a linguagem oral e escrita.

Utilizada como consulta na prática docente a cartilha serviu de apoio didático para o professor durante anos no ensino da ortografia. No entanto, Cagliari (2002), ressalta que o seu abandono significou para muitos, falta de um suporte em sua prática para ensinar a ortografia. Isso acarretou também um problema, pois os docentes estavam acostumados com suas instruções e manuais que serviam, como consultas. Desse modo, cada educador teve que procurar fazer um trabalho único, sendo responsável por suas ações” (CAGLIARE, 2002).

Por outro lado, somente o seu abandono segundo o que foi mencionado não é o mais importante ,e , sim a maneira como o professor a utiliza, pois assim defende a autora Russo (2013, p. 26)) em uma nova maneira de usá-la “ cartilhas usadas podem servir para o aluno montar uma nova cartilha, em um trabalho de discriminação visomotora e de leitura com compreensão, com recorte e colagem, optando por palavras significativas e desenhos esclarecedores para ele”.

Cagliari, argumenta ainda que, embora a ortografia seja de suma relevância no processo de alfabetização, assim como os outros também o são, com o tempo ficou a margem.

Sendo um dos pilares da alfabetização, deixou de ser vista como uma questão séria que carece, preocupação e atenção. (CAGLIARE, 2002).

Nessa perspectiva, de importância, vale ressaltar que as reformas na educação representam um grande avanço ou retrocesso; pois são elas que determinam como a ortografia deve ser ensinada. Sendo que um outro fator determinante para o ensino da ortografia é a disponibilidade de recursos educacionais, voltados para esse fim, que conferem a esse trabalho um apoio didático necessário e indispensável. Infelizmente o governo não atende essas perspectivas, pois há poucos investimentos nesse sentido. (CAGLIARE, 2002).

Assim, ainda podemos considerar que um outro fator determinante nesse processo, diz respeito ao espaço físico da escola com a superlotação de turmas na maioria das escolas. Esse quantitativo de discentes superior ao que deveria ser, torna difícil também o ensino da ortografia que é tão complexo quanto da leitura, exigindo uma organização entre outras coisas do espaço físico e o quantitativo de alunos, que por hora, existem nas escolas.

A ortografia, também como elemento a ser considerado no critério utilizado pelo professor para avaliar o progresso escolar dos alunos, tem sido deixada de lado pelo menos em algumas atividades como a produção de texto espontâneos que não exige tanto rigor. Embora essa proposta seja de suma importância, pois possibilita aprendizagem, esse tipo de atividade está sendo substituída por outras, onde o aluno não cometa tantos erros. (CAGLIARE, 2002).

Quanto a realização desse tipo de atividade e de outras, favorece uma relação de troca entre professor e aluno. Tal realização, dentro de uma prática pedagógica, contribui para que aluno e professor possam avaliar o progresso da escrita em suas várias dimensões. Então, com relação as metodologias, o que tem se observado são as inovações que brotam como uma nova forma para se ensinar não somente a ortografia, mas outros aspectos que tem relação direta com a leitura e a escrita.

Entretanto, mesmo a alfabetização apresentando um novo contexto, do ponto de vista das novas práticas em relação a aquisição da ortografia ainda sugere questões mal resolvidas; uma entre elas, está em especial no fato dos docentes não se satisfazerem com o material dos livros, que acabam não atendendo as suas expectativas, bem como a falta de conhecimento de aspectos relevantes que envolvem as questões inerentes para a da ortografia. (CAGLIARE, 2002).

A ortografia apresentada nos livros, não dá conta de aspectos importantes que ajudem a compreendê-la. Entretanto, a ortografia estabelece as regras ortográficas, que por sua vez normatiza como certas palavras devem ser escritas, formas verbais e outros. Muitas dessas

regras, são difíceis de serem compreendidas, justamente por conta das diferentes interpretações que temos sobre a escrita das palavras, como por exemplo, escrever determinada palavra com certa letra, ou com outra. (CAGLIARE, 2002).

Se por um lado, os livros pouco ajudam em relação as questões ortográficas, por outro acabam sendo a única ferramenta utilizada ainda pelos professores em muitas escolas como se observa por ai, minimizando ainda mais as fontes para se trabalhar uma das dificuldades da alfabetização que é o entendimento da ortografia.

Para melhor compreensão do exposto, é importante ressaltar que a ortografia da nossa língua, que é a língua Portuguesa, teve sua origem da ortografia do latim. Em seu conceito mais correto, ela pode ser definida como a representação correta das palavras, por meio dos símbolos (letras) na escrita. Ela é a representação da fala e define que letras utilizar na escrita das palavras, que por sua vez obedece as regras ortográficas da própria língua. Esta ainda, relacionada com sistema de escrita, o qual deve ser compreendida pelo aprendiz. (CAGLIARE, 2002).

Embora, a ortografia seja a representação da fala, nem tudo o que falamos (sons) deve ser representado com a letra que falamos. Por isso, devemos conhecer e respeitar as regras ortográficas. A grande função da ortografia, não é apenas representar o som que falamos, mas sim, que letras devem representar esse som ao escrever determinadas palavras.

Vale ressaltar, que a ortografia, tem em seu fim maior, fazer com que a leitura aconteça, e, não apenas representar uma pronúncia, pois se sabe que uma palavra escrita, quando lida pode ter várias pronúncias, dependendo do leitor. No entanto, a escrita é só uma, é ela que legitima a palavra evitando deturpações, como esclarece Cagliari (2002).

Sobre a ortografia Morais (2010) explica que:

A ortografia funciona assim como um recurso capaz de “cristalizar” na escrita as diferentes maneiras de falar dos usuários de uma mesma língua. Escrevendo de forma unificada, podemos nos comunicar mais facilmente E cada um continua tendo a liberdade de pronunciar o mesmo texto à sua maneira , quando por exemplo, o lê em voz alta (MORAIS. p 27).

Pensando na nova ortografia, que hora nos é apresentada, podemos constatar que houve mudanças no que diz respeito as novas regras ortográficas de algumas palavras, estas em consonancia com o atual acordo ortográfico. Isso tem haver com as novas formas de escrever determinadas palavras, acostumar-se com a nova escrita, sem esquecer que na contemporaneidade isso se relaciona com o mundo do letramento, que além de outras

exigências busca um padrão, e para isso a ortografia deve confiar esse ideal tão esperado. (CAGLIARE, 2002).

Trazendo as novas formas de ensinar a ortografia para a sala de aula e conseqüentemente para nossos alunos, encontramos progressos e desafios. Um dos desafios para o professor é o fato de o aluno demonstrar suas dúvidas ortográficas, o que parece ser normal pois as crianças estão em processo de aprendizagem e isso contribui para que os alfabetizados aprendam e troquem experiências tanto com o professor quanto com os colegas.

Neste sentido, ao realizar a correção dos erros de grafia, com a ajuda do professor, os alunos vão se familiarizando com a escrita padrão e aprendendo com seus próprios erros. Assim sendo, uma atividade que oportuniza uma aprendizagem coletiva e porque não desafiadora e que também aguça a curiosidade é quando o professor questiona os educandos sobre quais letras devem ser utilizadas para escrever determinada palavra. Essa é uma tarefa que deve ser exercitada desde o início da alfabetização pelo professor alfabetizador. (CAGLIARE, 2002).

Entre os diversos progressos que se pode observar é o fato do professor dá atenção as dúvidas dos alfabetizados. É sabido que no início a aprendizagem da ortografia é difícil, pois entre as muitas coisas que se está aprendendo , o sistema de escrita e a escrita correta das palavras é uma delas. Isto vai acontecendo naturalmente e gradativamente e exige tempo. Isso é verificado com o tempo de estudo, no qual o conhecimento sobre a ortografia vai se consolidando e o aluno/escritor vai aprendendo a escrever as palavras corretamente. (CAGLIARE,2002).

Nesse sentido, a respeito desse aspecto, Morais (2012, p.161) defende:

A aprendizagem da ortografia, conseqüentemente, não pode ser confundida com a aprendizagem do SEA e não deve começar, de forma sistemática, antes que os alunos já tenham consolidado as diversas correspondências grafema-fonema de nossa língua (e cometam erros naturais e inevitáveis).

Segundo os estudiosos no assunto para escrever palavras corretamente, significa também se apropriar do sistema de escrita alfabética e fazer uso disso. Daí a importância de se colocar em prática por meio da escrita em seu uso social, seja para se escrever um aviso, um recado , um bilhete ou outros gêneros. Devemos lembrar que estes atos deveriam atravessar os muros da escola e assim possibilitar uma interação entre os diferentes interlocutores.

Para Cagliare,(2002) Alfabetizadores devem lançar-se também ao desafio de propor atividades onde o aluno interaja com professor ao realizar tais tarefas. Dar suporte ao alfabetizando e propor atividades diferenciadas se faz necessário. Trabalhar a memorização, a

leitura, a escrita de palavras novas, a correção das palavras, textos de diferentes gêneros, dentre outros, individualmente ou coletivamente e deixa-os escrever livremente, ajuda os alunos a superar as dificuldades e aprenderem juntos e com o professor. (CAGLIARE, 2002).

Ainda em relação à alfabetização, são múltiplos os seus aspectos e os trabalhos citados acima, desenvolvidos pelos professores além de contribuírem para o ensino da ortografia, incidem para que o alfabetizando faça uso social do que aprende na escola, na língua escrita e falada. A partir, do momento que a criança tenha um professor que lhe ensine e seja dado a ela a oportunidade de ter contato em especial com os diferentes gêneros e fizer uso deles na prática, seja escrevendo ou lendo, se torna mais fácil a consolidação da alfabetização. (CAGLIARE, 2002).

Essa relação de liberdade e compromisso deve estar sempre atrelada ao bom senso do alfabetizador e o interesse do educando, o qual promove a autonomia principalmente deste último. Tal medida demonstra um meio feliz de se conseguir vencer as dificuldades e chegar ao objetivo maior que é o alcance do ensino e da aprendizagem.

1.2 Os níveis conceituais da escrita

Os estudos realizados pelas pesquisadoras Emília Ferreiro e colaboradores, ficou conhecido em 79, ano de publicação do livro *Psicogênese da Língua Escrita*. Tais estudos, avançaram para o que ficou conhecido como níveis de escrita, onde cada um deles, apresentou conceitos e dentro destes suas características. (c.f. Coutinho, s/a). Os níveis são descritos a seguir.

1.2.1. Pre-silábico Restrito

Neste nível, a escrita inicialmente pode ser representada por desenhos, garatujas, bolinhas, rabiscos e outros símbolos misturados como números. Neste estágio, a escrita ainda não apresenta a pauta sonora das palavras e nem o número de letras, quando escritas, de acordo com que deveria ser. O nome dos objetos por exemplo, só são possíveis ser escritos porque de acordo com o entendimento da criança eles servem para nomeá-lo. Enquanto que, ações e sentimentos entre outros não podem ser escritos porque elas ainda não conseguem nomeá-las.

A referência que a criança tem para escrever os nomes, principalmente de objetos é a pura relação que tem com eles, como as características que ele apresenta. Portanto, leva em

consideração o tamanho que ele tem; como ao escrever por exemplo a palavra trem escreverá com muitas letras, pois acreditando que ao se tratar de um objeto grande, terá bastante letras para escreve-la. Trata-se pois do fenômeno de realismo nominal. (C.f. Coutinho, s/a)

1.2.2. Pre-silábico avançado

Neste estágio, embora a criança utilize letras para escrever palavras, ainda é predominante que ela o faça de maneira desorganizada. O seu registro não apresenta relação entre o escrito e a pauta sonora. O critério utilizado é a variação de letras e uma exigência quanto a sua quantidade para escrever as palavras. (C.f. Coutinho, s/a).

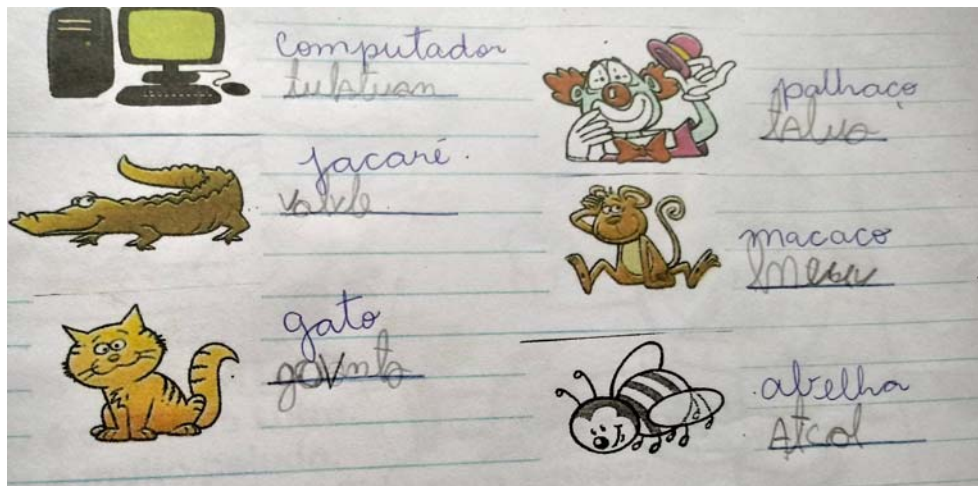


Imagem ilustrativa

1.2.3. Sílabico

Neste estágio, o escrito já vem estabelecido pela pauta sonora, pois está em um nível mais avançado, onde a criança passa representar cada emissão sonora ou sílaba da palavra por uma letra. Assim, se deseja escrever uma palavra com duas sílabas por exemplo como a palavra bola poderá utilizar duas letras, uma para cada sílaba, tomando como base a quantidade sem se preocupar com a qualidade do escrito. Com o tempo, este estágio avança para o silábico qualitativo, no qual passa-se a representar uma letra equivalente para cada som que se pronuncia.

É comum, neste estágio surgir conflitos na hora da escrita de certas palavras e a quantidade de letras para se escreve-la No entanto, a criança estabelece como critério para

escrever o uso de no mínimo três caracteres, dependendo da palavra. Neste nível as crianças acreditam ainda que devem utilizar variadas letras para escrever, assim como uma palavra não pode ter uma sequência de letras repetidas. (C.f. Coutinho, s/a).

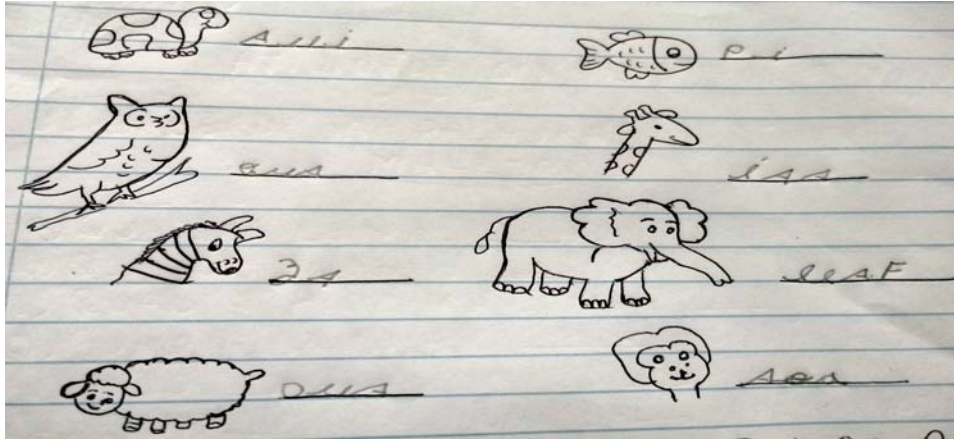


Imagem ilustrativa

1.2.4. Silábico – alfabético

Neste nível a escrita da criança tem um avanço significativo sobre, pois se aproxima do alfabético. As sílabas das palavras passam a ser representadas por mais de um letra, pois aqui a criança já tem um entendimento maior sobre grafemas e fonemas, o que ainda não garante que ela possa escrever partes menores que uma sílaba, visto que está quase no nível alfabético. Pode acontecer também o fato de no momento da escrita o aprendiz se confunda com alguns sons de letras e isso se traduza em um “erro”. (C.f. Coutinho, s/a).

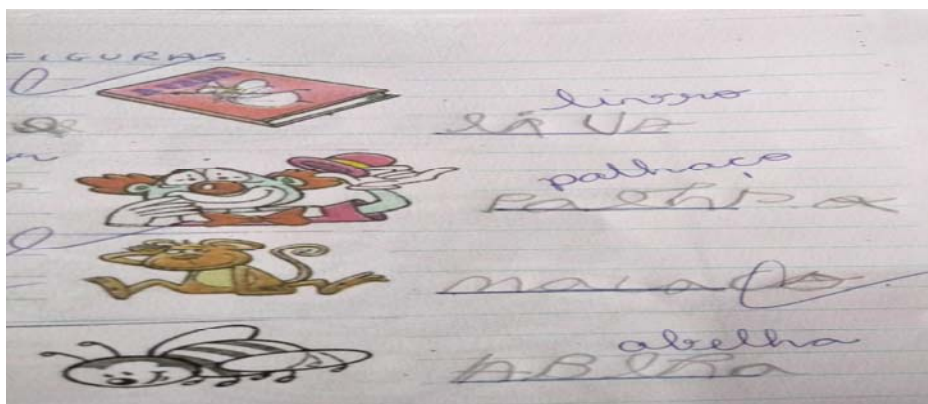


Imagem ilustrativa

1.2.5. Nível Alfabético

Neste nível finalmente a escrita se apresenta de forma mais consolidada, pois aqui a criança entende que a escrita nota a pauta sonora. O aluno já compreende e estabelece relações entre grafemas e fonemas. Por se compreender que as palavras são representadas por partes menores que uma sílaba e por fazer a transcrição de sua fala para o escrito pode ocorrer também erros ortográficos. Isso pode ser um problema natural, pois assim como nos outros níveis citados acima a criança esta aprendendo, neste também.

Neste sentido o aluno tem também uma preocupação com a escrita convencional, que é a escrita correta das palavras. Isso demonstra que apenas escrever os sons não é o suficiente para ele, mas sim faz-lo de modo correto.

No nível alfabético, a criança se encontra alfabetizada, com mais conhecimento até para refletir sobre o escrito. Começam a colocar tudo isso em prática por meio das atividades que envolvem a escrita como: palavras, frases, produção de texto, ditados e outros. (C.f. Coutinho, s/a).



Imagem ilustrativa

1.3. A Avaliação dos níveis conceituais da escrita: instrumentos e metodologias

Para trabalhar estes níveis e auxiliar os alunos a avançarem quanto ao nível de escrita, se faz necessário a utilização de instrumentos avaliativos, bem como adequar a estes metodologias didáticas que possam colaborar para este trabalho.

Sobre a prática didática do professor ao considerar os níveis dos alunos, Russo (2001) enfatiza:

Deve procurar atingir os alunos de todos os níveis, desafiando-os para provocar o avanço. As atividades podem motivar diferentes níveis e em cada

criança implicarão uma mudança, ou adequação, da hipótese própria do nível em que ela se encontra. (RUSSO, p. 41).

No nível pré-silábico, os principais instrumentos facilitadores para que a criança se desenvolva e avance, será trabalhar a questão fonológica por meio de textos orais, pois auxiliam as crianças a percepção do som inicial de certas palavras (aliteração) e o som final (rima). Além do trabalho oral, se faz necessário a escrita de diferentes gêneros textuais como parlendas, cantigas de roda, poemas dentre outros, bem como o trabalho com palavras estáveis de vivência dos alunos, como a lista de nomes dos mesmo, os combinados entre outros. (COUTINHO, s/a).

Vale ressaltar que as atividades de exploração oral com textos conhecidos e de memória também contribuem para a reflexão fonológica, pois essa atividade de leitura propicia às crianças, ao fazê-la ajustar a pauta sonora ao escrito e compreender que as palavras escritas são representadas por sons.

Para a realização do trabalho com o nível silábico, onde o aluno já compreende que a pauta sonora representa o escrito os instrumentos que podem ser realizados são: escritas espontaneas, ditados, auto-ditados, cruzadinhas, dentre outros. Todos estes trabalhos são válidos para que a criança possa refletir e perceber que as sílabas das palavras que escrevem são formadas por unidades menores. (COUTINHO, S/A).

Por tanto, o professor deverá encaminhar as atividades de forma a salientar os conhecimentos que os discentes devem desenvolver no sentido de escrever as palavras de acordo com a ortografia. Deverá organizar seu trabalho, bem como nas atividades como os ditados por exemplo, deve estar atento quanto ao seu fim, o que se pretende alcançar. Porém, em relação as atividades com palavras estáveis, estas devem propiciar aos educandos desafios maiores do que no nível anterior.

Em relação ao nível silábico-alfabético, onde o aluno já apresenta uma escrita mais convencional, poderá ser realizado algumas atividades que venham a contribuir para que o aluno venha refletir melhor quanto a ortografia das palavras, pois como neste nível ele tenda a escrever as palavras com base na transcrição de sua fala para o escrita é importante focar neste aspecto para que não cometa “erros”. (COUTINHO, S/ A).

Atividades como as cruzadinhas são excelentes instrumentos de avaliação, considerando que em cada quadradinho a criança deverá escrever uma letra, isso facilita a sua compreensão grafônica. É importante além destes, propor atividades onde o aluno reflita sobre a posição das letras de acordo com o seu som. Tomemos como exemplo a função da letra s e seu som no início das palavras, entre as vogais e no final das palavras. Além de

também se fazer um trabalho de reflexão quanto aos grupos de letras que representam um único som. (COUTINHO, S/ A).

Todas as atividades referentes ao nível silábico – alfabético são válidas para ser trabalhadas no nível alfabético, considerando que estas são bem próximas quanto as suas tendências, dificuldades, desafios e conhecimentos que precisam ser consolidados.

A autora salienta ainda, que é preciso à todas essas atividades serem realizadas de forma bem estruturada e sistemática, assim como os objetivos da aprendizagem devem estar estabelecidos, pois não somente isso, como um conjunto de fatores é determinante para o avanço dos níveis, o que implica um resultado colaborativo para que se chegue a alfabetização. (COUTINHO, ANO).

1.4. Experiências com a avaliação de leitura e escrita no ciclo de alfabetização

Na perspectiva de avaliação de leitura e escrita no ciclo de alfabetização é importante ressaltar que a avaliação, não somente neste caso, mas assim como nos outros deve acontecer sistematicamente e ao longo do processo da aprendizagem. Este instrumento diagnóstico e seu resultado deverá servir para que o professor possa refletir os avanços e dificuldades dos alunos, assim como as possibilidades futuras de fazer o aluno avançar. (SANTOS E VARELA, 2007).

Neste sentido, as experiências com avaliação de leitura e escrita sempre estiveram presentes no cotidiano escolar em sala de aula, principalmente nos anos iniciais com o intuito de verificar ou melhorar a aprendizagem da leitura e escrita. Nessa direção da avaliação e em um conceito mais amplo a respeito, (HOFFMANN, 2008.p.17) considera que se trata de uma “reflexão permanente do educador sobre sua realidade, e acompanhamento de todos os passos do educando na sua trajetória de construção do conhecimento”

É dentro desse contexto das experiências com atividades de leitura e escrita, que se revelam muitas vezes uma necessidade para se fazer intervenções. Isso também remete à organização do trabalho pedagógico e dentre os seus objetivos, propor atividades desafiadoras para a alfabetização sempre mediados pelo professor.

Para melhor compreensão do exposto, exemplifico e sintetizo uma experiência realizada por duas professoras na perspectiva de avaliação de leitura e escrita com seus alunos em uma instituição e, publicado no caderno 5 do PACTO.

Antes de realizarem o trabalho fizeram o mapeamento da turma para indicar as reais dificuldades da mesma em relação a escrita e a leitura, o que também contribuiu para

planejamento das atividades. A respeito disso, nos colocam que “cientes das possibilidades iniciais de cada uma, buscamos planejar situações que propiciassem experimentação da escrita como linguagem, em que escrever e ler fossem “necessários” e “possíveis”, em atividades desafiadoras e, ao mesmo tempo, significativas para as crianças [...]”. (MEDEIROS e SOUZA, 2015, p.01).

Assim, o trabalho realizado, surgiu por conta de várias situações relacionadas a onça. Teve como objetivos, além daqueles relacionados ao tema “As onças”, a apropriação do sistema de escrita alfabética, produção textual, leitura em diferentes suportes textuais como listas, poemas, textos informativos, dentre outros. O tema foi tratado a partir de uma sequência didática. O primeiro momento iniciou com uma roda de conversa onde os alunos foram levados a demonstrar seus conhecimentos prévios sobre o tema, e fazer questionamentos, enquanto o professor tinha a função de escriba. Contudo, Medeiros e Souza ressaltam “os alunos são co-autores, a medida que participam do processo, seja quando são solicitados a dizer que letras se escreve determinadas palavras, seja no momento de leitura das palavras”.

Outro aspecto relevante segundo elas foi a escolha do material escolhido para realizar as atividades de pesquisa. O material selecionado que respeitasse as particularidades dos alunos e as hipóteses escritas que as crianças se encontravam, de modo que todos pudessem participar do processo, também foi importante. Tudo isso foi pensado neste trabalho.

No dia combinado, foi realizada a pesquisa na biblioteca pelos alunos com o auxílio das professoras. Portanto, na biblioteca, os alunos foram organizados em grupos de acordo com seu nível de entendimento ou leitura: exploraram materiais como enciclopédias, revistas e livros, com o intuito de por meio desta, responder os questionamentos resultantes da roda de conversa. Houve ainda atividades de leitura, interpretação de imagens, exploração das letras que os alunos conheciam e seu valor sonoro, investigação de palavras que pudessem responder os questionamentos do dia anterior ou se relacionar a eles; como eles fizeram para encontrar algumas respostas que destas dependiam de leitura.

As discussões e as pesquisas foram complementadas pelas atividades de leitura sobre as informações coletadas pelos alunos e com estes a colaboração das professoras como escribas para sintetizar as respostas relacionadas às questões, ainda em separado, em um quadro que foi afixado no dia da roda conversa. Este momento foi oportuno para se realizar releitura do que já havia sido escrito e acrescentar novas informações.

No trabalho promovido na biblioteca foi realizada intervenções pelas professoras necessárias nos grupos: desafios, incentivos, auxílio aos alunos para que tivessem sucesso em sua busca e desse modo poder ajudar aos outros colegas de classe.

As autoras da sequência didática consideraram a atividade de produção textual uma ferramenta importante para que as crianças viessem refletir à cerca da linguagem escrita. Além de, “também serem excelentes oportunidades para a professora focar a discussão em aspectos formais e discursivos, tais como segmentação, repetição de palavras, falta de clareza do texto” (MEDEIROS,SOUZA, 2008). Tudo isso foi colocado em prática no texto coletivo, criado com as repostas as questões da pesquisa e que teve como autores os alunos e como escriba para a produção do texto as professoras.

A proposta de produção de textos escrito coletivamente com as crianças teria que expressar tudo o que tinham aprendido no decorrer das atividades, suas vivências, bem como a reafirmação dos conhecimentos significativos para o grupo, construídos durante todo o processo. Vale ressaltar que no decorrer dessa atividade todas as crianças participaram efetivamente do processo oralmente ou com ideias contributivas, leitura de palavras, frases entre outras coisas.

Ao término do texto coletivo, que foi dividido em parágrafos para os grupos, os alunos realizaram sua leitura, bem como uma ilustração que deveria estar de acordo com cada um deles para assim sintetizá-los. Depois foi trabalhado a organização do texto, no que diz respeito a sequência dos parágrafos e assim compor o texto coletivo. Uma outra atividade de leitura foi integrada por meio de uma de listas de animais. Nela foi trabalhado, além da leitura, também a questão fonológica, o reconhecimento de palavras e das sílabas inicial das palavras por exemplo. Tanto nessa atividade, como nas outras um aspecto interessante, foi o fato das professoras o tempo todo provocarem, ativarem o conhecimento dos alunos por meio de pistas que davam. Assim, podemos constatar em suas palavras: “[...ou pedíamos que se lembrasse dos animais que são considerados presas das onças, ora repetindo o som inicial da palavra, ora nos remetendo a sons iniciais iguais aos nomes dos colegas (CAPIVARA com o nome de CAROLINE , por exemplo)”.

Ao final do trabalho realizado pelas professoras, observaram e pontuaram os objetivos alcançados de acordo com a participação dos alunos nas atividades que envolviam a leitura; entre os quais destaco um deles; “como objeto de aprendizagem: que som tem essa letra? Com posso ler essa palavra?; que palavras você conhece com esse mesmo som? Como você fez para ler essa palavra?”.

Concluimos que, todas estas atividades descritas nesse relato de experiência, promoveram uma grande aprendizagem que facilitou a compreensão da escrita alfabética, reflexão sobre a escrita e a leitura, o que é primordial para a alfabetização. Atividades como

estas são exemplos significativos viáveis na avaliação de leitura e escrita no ciclo de alfabetização.

Ao retornar para tudo o que expomos até aqui, concluimos ainda que a alfabetização é um campo abrangente e que apresenta muitos aspectos: Desde os seus conceitos, ou seja, o que se compreende por alfabetização, a questão da ortografia, do letramento entre outros.

Cabe ainda, no campo da alfabetização salientar um outro aspecto que é de suma importância, que é o avaliativo, no qual o professor avalia a aprendizagem dos alunos neste âmbito, por meio de diferentes instrumentos seja por sondagem, testes, atividades de classe ou extra-classe, leitura e etc.

II – SEÇÃO 2 – O TRABALHO DE CAMPO

2.1 Metodologia do estudo

Para encaminhar o meu trabalho além do estudo bibliográfico foi realizada a pesquisa de campo que será fundamental para que desse modo se investigue e relate a realidade da escola pública estadual de ensino fundamental João Paulo II, localizada na zona rural de Igarape-Açu. Tal pesquisa direcionada pela entrevista semiestruturada realizou-se no período de 20 à 25 de junho.

A entrevista com a professora do 1º ano durou 38 minutos, a do 2º ano 45 minutos e com a professora do 3º ano 10 minutos de duração.

Entre os vários aspectos a pesquisa busca investigar quais instrumentos os professores utilizam para identificar os níveis de desenvolvimento da escrita nas turmas do 1º ciclo.

Esta pesquisa conta com a participação de 03 professores do 1º ao 3º ano do 1º ciclo do ensino fundamental. Estes professores estão atuando pela primeira vez com as respectivas turmas e são todos contratados. Para preservar a identidade das docentes entrevistadas dei a elas o nome de flores.

Inicialmente conversei com as professoras sobre a pesquisa e a necessidade de fazer as entrevistas e assim marcar uma data possível e um horário disponível, pois nenhuma docente mora na comunidade. Assim, as entrevistas foram realizadas na sequencia das séries/anos. Apesar disso tudo ocorreu de forma tranquila sem nenhuma dificuldade ou emprevisto.

2.2 Caracterização da escola pesquisada

A escola João Paulo II está localizada na zona rural do município de Igarape-Açu e atende alunos do ensino fundamental I e II, do 1 ao 9º ano e também educação especial e E.J.A. A escola funciona nos turnos da manhã, tarde e noite.

A escola foi fundada no dia 08 de março de 1982, está com seu prédio recém construído e é considerado de médio porte. Possui 09 salas de aula, tendo quadros negros e magnéticos, 01 sala de professores, 01 secretaria, 01 diretoria, 01 mini-depósito, 01 copa-cozinha, 01 banheiro masculino, 01 banheiro feminino e uma quadra poliesportiva descoberta.

A escola tem ainda uma caixa d'água que cede uma água de péssima qualidade para os alunos que reclamam com frequência e 01 sala disponível para se assistir vídeos.

A referida escola não possui banheiro para os funcionários, biblioteca e nem sala de leitura. Ainda há um computador, impressora, bebedouro na parte externa da copa e um mobiliário em bom estado de uso na secretaria e na sala dos professores.

A escola está com o Projeto Político Pedagógico (PPP) atualizado e tem como ênfase os valores, o qual este último, segundo o que consta no projeto se dá pelos sentimentos: de solidariedade, respeito e prazer que vem de casa recebidos primeiramente pela educação familiar. Busca uma estrita relação com esta instituição que pode vir a contribuir de forma significativa na educação dos filhos e aprendizagem escolar. Visa ainda formar este ser social com a colaboração dos professores, pais e comunidade em geral.

Em seu quadro de funcionários possui 13 professores. Tem como coordenação pedagógica 01 diretora e 01 técnico pedagógico. Quanto ao número de alunos, apresenta em seu total 436 discentes.

As salas de aulas são amplas pelo menos para atender o fundamental menor, as carteiras estão novas e em boas condições de uso e também apresenta uma pintura razoável. Há também bastante espaços para a circulação de alunos e de outros.

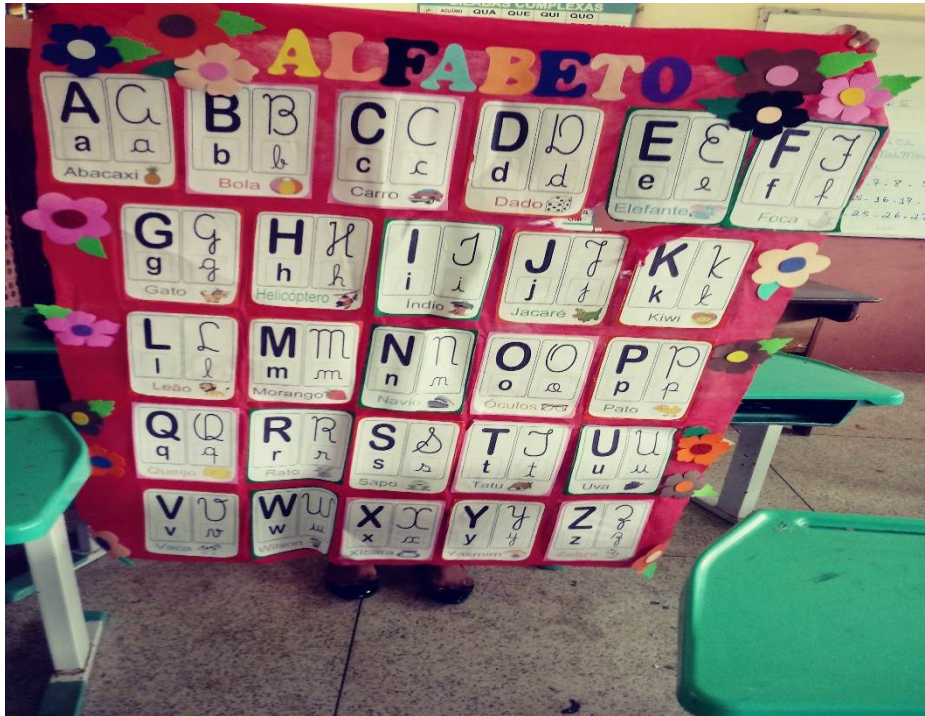
Para se ter uma melhor visualização do espaço pesquisado, seguem fotos retiradas do ambiente externo e interno da instituição.

Figura 1: Prédio da escola pesquisada



Fonte: Pesquisa de campo, 2018

Figura 2: Sala de aula 1º Ano



Fonte: Pesquisa de campo, 2018

Figura 3: 2º Ano



Fonte: trabalho de campo, 2018

Figura 4: 3º Ano



Fonte: Pesquisa de campo, 2018

2.3 Caracterização dos entrevistados

Os entrevistados utilizados nessa pesquisa todos são do sexo feminino, com idade entre 35 e 40 anos e com tempo de atuação como professora entre 9 e 22 anos. As referidas professoras são todas contratadas e estão atuando cada uma delas com séries do 1º ciclo e do 2º ciclo na escola pesquisada. A primeira professora entrevistada atua há 22 anos como docente e trabalha com o 1º e 3º ano, a segunda tem a função docente há 16 anos esta ministrando aula para o 2º e 4º ano e a terceira professora tem o menor tempo de atuação com professora, apenas 9 anos e atua com o 3º ano.

Quanto a formação das docentes, ambas tem formação em Pedagogia. A professora do 1º ano, além de Pedagogia, é pos graduada em A.E.E. A docente do 2º ano possui apenas a graduação em pedagogia. A terceira professora, que atua com o 3º ano, além do curso de pedagogia é pos graduada em psicopedagogia.

As docentes não moram na comunidade, tendo que se locomoverem até o local de serviço. Tem dias que ficam o dia na escola por esse motivo. Apesar disso, demonstram um grande comprometimento e responsabilidade com o seu trabalho. Todas preocupam-se bastante com o desenvolvimento da turma de modo geral.

2.4 Sobre a formação inicial e continuada

Como elemento fundamental ao exercício docente a formação inicial e continuada é importante para termos professores bem qualificados e desse modo qualidade no ensino. Assim, como aponta Ribeiro (2005, p.27) “Nestes termos, a formação continuada de professores constitui elemento fundamental para o êxito do processo ensino-aprendizagem”.

Levando-se em conta o magistério como formação inicial, em que os docentes provavelmente terão seu primeiro contato sobre avaliação de leitura e escrita, trataremos a partir de então de apresentar a respeito disso resumo dos relatos das docentes entrevistadas.

Assim sendo, a primeira docente entrevistada que atua com turma do 1º ano, relata que a primeira formação que teve sobre este campo da aprendizagem foi no magistério. Considerou que tal formação foi boa, embora não tenha sido tão aprofundada, pois estuda-se muito a teoria e ainda acredita que avaliação mesmo só se aprende a fazer na prática.

A segunda docente, que atua com a turma do 2º ano, relata que no magistério viu um pouco a respeito, mas no curso de pedagogia aprofundou esse conhecimento por meio da teoria e seus teóricos e também por meio das dinâmicas e outros e, que na academia o tradicional é ignorado já que no curso o que se aprende em relação a avaliar no aspecto da leitura e da escrita é o contrário do que foi ensinado quando criança por meio do tradicional, onde primeiro se aprendia letras, sílabas, palavras, textos. Na academia se aprende que se ensina as crianças ao contrário. No entanto quando se coloca em prática o que se aprendeu lá não funciona e que até começou a trabalhar dessa forma mas não funcionou, além de não ter visto seus objetivos serem alcançados chegando a fazer questionamentos sobre de que forma ensinar, se pelo tradicional como aprendeu quando criança ou como lhe ensinaram no curso. Acredita ainda que na academia a teoria é uma realidade e na prática é outra.

A terceira professora, que atua com a turma do 3º ano, relatou que estudou na graduação em Pedagogia, pois não fez magistério. O curso da qual participou apresentou um leque de opções para avaliar a leitura e a escrita. Dentre eles a dinâmica do bingo, a própria leitura individual e a coletiva, a leitura dos nomes.

Ao considerar o relato das duas primeiras professoras fica claro que a formação para ambas teve o mesmo sentido quando se referem que teoria é diferente de prática, pois é nesta última que de fato é que se aprende como ela funciona. Enquanto que a última professora mencionou apenas como aconteceu essa formação sem relacioná-la entre teoria e prática.

Se entende que a formação continuada sobre a avaliação de leitura e escrita favorece uma oportunidade para se aprender um pouco mais e assim colocá-la em prática.

Dessa forma a docente do 1º ano, enfatiza que o curso que fez de formação continuada foi do PACTO, atual Pnaic, com duração de três anos. Foi um curso muito bom segundo ela porque veio aprofundar seus conhecimentos, além de no curso se aprender a relação do conteúdo, de como se trabalha-lo. Com esse curso passou a ter uma prática muito boa voltada para a leitura e escrita dos seus discentes. Há também o ensino de muitos recursos e de como se trabalhar com eles.

A segunda professora, a do 2º ano, relata que fez um curso de formação continuada voltado pra isso há algum tempo em meados 2002, 2003. Tal curso se assemelhava ao que se via no curso de Pedagogia e que tinha sido muito bom, pois era bastante dinâmico. Onde os professores aprendiam a trabalhar por meio de musicinhas, textos pequenos, para trabalhar assim além da leitura e escrita, a oralidade.

A terceira docente explica que iniciou um curso na pos graduação em Letramento, porém não deu continuidade no curso.

Ao relacionar as respostas das docentes percebe-se que para ambas a formação continuada possibilitou aprendizagens significativas por meio das metodologias que aprenderam para avaliar leitura e escrita.

Quanto ao apoio da coordenação pedagógica em relação a avaliação da leitura e escrita:

No entendimento da primeira professora, ao procurarem o técnico para tratar assuntos relacionados ao pedagógico como o desenvolvimento da alfabetização, da aprendizagem dos alunos ou qualquer outro relacionado a avaliação não recebem o aparato esperado e por isso os professores do 1º ciclo acabam por buscar orientação com uma colega de trabalho que atua também na escola, mas é técnica em outra escola, pois reforça que não recebem muita ajuda do técnico.

A docente do 2º ano, assevera que não se tem o apoio por ela esperado. Supõe que talvez ocorra pelo fato da demanda de muitos alunos, professores. Ainda relaciona diferenças entre esferas de uma escola municipal para estadual, onde acredita que haja essa diferença entre ambas. Mesmo assim, enfatiza que apesar de na escola se ter técnico pedagógico, o apoio que achava, esperava ter, não tem.

A última professora foi mais clara e objetiva apenas relatou que não tem esse apoio da coordenação pedagógica em relação a avaliação da leitura e escrita.

Nos três relatos entende-se que nenhuma docente se sente apoiado pela coordenação técnica para orientar em relação a avaliação da leitura e escrita, ou seja não recebem esse suporte como achavam ou esperavam ter. Uma pena, pois a orientação técnica pedagógica é

de suma importância para encaminhar o trabalho das docentes e assim contribuir com a aprendizagem dos discentes.

2.5 Concepção e Prática de Avaliação de Leitura e Escrita

Ao saber da importância de se avaliar leitura e escrita dos discentes e assim organizar esse processo do ano letivo escolar buscamos compreender como isso vem se dando na prática dos docentes entrevistados. Portanto, se entende que a avaliação educacional é imprescindível como observa Santos (2007,p.05) “ A necessidade de avaliar sempre se fará presente, não importando a norma ou padrão pela qual basei-se o modelo educacional”.

Neste sentido, a primeira professora, que atua com o 1º ano procura o apoio da família para ajudar seus filhos nesse processo e revela que tem um bom retorno. Trabalha a leitura diariamente e organiza diversas atividades para assim trabalhar. Além de pesquisar na internet, participa da formação do Pnaic o que contribui bastante em seu êxito, com cita em seu relato:

Tá vamos por parte né. Ah! de que forma eu avalio a leitura e a escrita do meus alunos? Eu acho e eu sempre deixo muito claro pra eles, pros pais deles inclusive que é o que faz o acompanhamento em casa do das atividades que são levadas pra casa. Eu digo que a leitura é um treino diário. Que eu não posso trabalhar a leitura de sala de aula e ficar isolada na escola né, que os pais tem com compartilhar isso com os filhos né. Então eu peço muita ajuda dos pais e graças a Deus a gente tem até um retorno até bom assim, de dez por cento, oito por cento contribui. Então eu acho um número assim bem significativo. A leitura eu trabalho diariamente. É feito atividades, a gente faz várias atividades. Por exemplo tenho muito recurso é aqui guardado e a gente trabalha principalmente com os meus alunos do 3º ano da tarde, não só do 1º da manhã. Eu trabalho muitas, muita atividade assim que envolva a leitura. Eu pesquiso na internet. Eu vou pra formação do grupo do Pnaic e ai eu vejo as atividades que tem voltado pra leitura e procuro trazer pra sala de aula tá. Isso ajuda muito e também tem a leitura diária, o silabário, eu não abro não do silabário tá. A gente trabalha, eu trabalho bastante as famílias silábicas, eu coloco atividades xerocada no caderno pra eles levarem, fazerem em casa né. [...]. (Professora Rosa. Entrevista, 2018).

Logo se percebe que essa estratégia da professora funciona, o apoio da família é importante, e que se preocupa em trabalhar as atividades que seleciona e desenvolve para avaliar seus alunos no aspecto da leitura e escrita. Pensar a família como parte desse processo escolar ajuda a distribuir as responsabilidades, como aponta Moreira (2017,p.20) “ A família precisa ajudar a escola na educação de seus filhos, procurando saber como este aluno está se saindo em termos de aprendizagem”.

Quanto a professora Jasmim apresenta também suas atividades, e apartir daí ela já verifica outros aspectos relevantes da avaliação de leitura escrita, como nos coloca em seu relato:

[...] Apartir de um trabalho por exemplo Ciências, vamos trabalhar algum tema sobre a água ou a escola, a família e ai eu já vou começar pedir pra ele começar fazer logo o nomezinho dele, faça seu nome, apartir do nome eu já posso avaliar, eu já consigo ver como que tá, qual é o nível de escri, da escrita dele e ai partir destes trabalhos a gente começa a trabalhar o nome dele, expondo aqui, porque hoje não tá aqui o nome deles, porque eles querem fazer e colocar na chamadinha né, eles fazem questão de fazer. Eu nem digitei ainda, porque eles mesmos fazem, apartir daqui dá pra avaliar também, dá pra ver quem já sabe, quem mistura as letras cursiva, imprensa, tudo isso, maiúscula, minúscula, dá pra você observar e dá apartir daí, já dá pra ir ajudando, auxiliando a concertar, ajeitar e eu creio que o nome dele é de suma importância. Apartir do nome dele, porque ele consegue. Você já consegue ver se ele já conhece as letras, porque eu gosto de trabalhar apartir do nome. Então ele conhec o nome dele, ele vai conhecer as letrinhas do nome dele, apartir dali ele já consegue fazer até as outras palavras né, os nomes e é isso [...] (Professora Jasmim. Entrevista, 2018).

A professora Jasmim ainda completa ao relatar uma experiência logo no início de seu trabalho docente. Diz que sempre trabalhou de forma dinâmica, mas não conseguia obter o resultado esperado e que neste período passou a trabalhar numa nova escola com uma turma multisseriada 3^a e 4^a série na época, onde os alunos eram avaliados por meio de médias. Portanto, ao iniciar o trabalho com a turma percebeu que não conseguia fazer os alunos avançar quanto à leitura, pois a maioria dos alunos não sabiam ler, porém estavam tudo com nota para passar. Então se desesperou e procurou auxílio de outros professores, pois acredita que os professores devem procurar se ajudar, bem como partilhar experiências. E dessa forma, com essa troca de experiência que teve com uma colega de trabalho foi orientada e passou novamente a trabalhar o tradicional. A professora relata que a mudança de metodologia deu certo e que rapidamente passou a ver resultados. Por isso se considera desde então uma defensora do tradicional, apesar de frisar que cada turma é uma turma, que os alunos possuem suas particularidades, cada professor tem seu método e cada discente tem sua forma de aprender. Ela relata ainda que não se deve abandonar o tradicional, adota cartilha porque diz que funciona e que ao mesmo tempo não se deve abandonar o que você aprendeu com os teóricos na faculdade.

Podemos verificar com esse relato o quanto que a troca de experiências é válida na docência. Não existe certo ou errado, pois o professor é livre para buscar aquilo que se adequa melhor para cada momento e que as escolhas precisam ser bem pensadas.

Em relação a professora do 3º ano, ao avaliar seus alunos no aspecto da leitura e escrita, observa que a turma inicialmente tinha uma quantidade mínima de alunos com um nível bom de leitura, o restante da turma apresentava diferentes níveis de leitura, onde a maioria agora encontra-se no nível silábico. Desse modo em seu relato assevera que:

Os meus alunos aqui, posso dizer que peguei três alunos lendo bem, entre sílabas simples e complexas, frases, sabendo criar textos. O restante tava ainda em nível pré-silábico e agora eles já estão em nível silábico, a maioria assim. Os que tem dificuldade mesmo, ainda estão em sílabas simples de duas sílabas, três sílabas, no máximo conseguem ler. Eu digo que eu sempre por mais que eu tenha só uma série, eu sempre trabalho a multisserie, porque dentro de uma série tem vários níveis e eu sempre divido. Eu tenho meu nível avançado, meu nível médio e meu nível fraco, onde no decorrer do ano aquele tem, aquele que tá no médio ele vai pro avançado, aquele que tá no fraco ele vem pro médio. Mas eu nunca é difícil unificar a turma, não tem como unificar, mas assim agente tem eu pelo menos tenho grandes rendimentos, tenho grandes sucesso dessa forma. (Professora Violeta. Entrevista, 2018).

As considerações que a professora Violeta faz, nos remete pensar que ela ao perceber o nível de leitura que a criança se encontra, já trabalha para que seus alunos avancem nos níveis de leitura e conseqüentemente a escrita.

Ao avaliar seus alunos em relação a leitura e a escrita as docentes apresentam essa preocupação seja por meio da solicitação de ajuda dos pais, a leitura diária e as várias atividades que são pensadas para a turma do 1º ano. Pensar em atividades para trabalhar o nome das crianças e assim identificar os níveis dos alunos e outros aspectos relevantes também é importante como observa a professora do 2º ano. Tanto quanto fazer como aponta a professora do 3º ano ao verificar o nível de escrita dos alunos para realizar um trabalho de acordo com os níveis para que assim os discentes possam avançar na leitura e escrita.

Há diferentes instrumentos de avaliação de leitura e escrita que os docentes podem utilizar com os seus alunos a fim de avalia-los. Nessa perspectiva apontam os que mais costumam utilizar, como fica claro nos relatos.

Seguindo esta direção a professora do 1º ano relata que para ela é de fundamental importância que os alunos levem para casa diariamente atividade extra-classe para casa e que os pais os ajudem, pois isso tras um retorno muito grande para as crianças no que diz respeito a aprendizagem. Dessa forma afirma em seu relato:

Olha eles levam muita atividade extra-classe. Eu não abro mão da atividade extra classe, porque é que nem eu to te falando, a gente pede o apoio dos pais e através desse acompanhamento em casa que a gente vai ver o retorno né. Eu trabalho aqui com os alunos, eu trabalho uma uma família silábica, eu tiro a semana todinha pra trabalhar com esse aluno e todos os dias eu faço questão que eles levem atividade extra-classe pra casa e peço ajuda porque os alunos que os pais ajudam em casa, reforça aprendizagem da escola, esses alunos tem um melhor desenvolvimento, então eu não abro mão da atividade extra-classe. A prova na verdade agente passa , aplica por uma questão de sistema, mais agente sabe que como é 1º e 3º ano agente avalia através do parecer, através das ocorrências que a gente vai registrando no dia a dia né. eu não faço muita questão de passar a prova, mas pelo sistema e porque os pais cobram prova agente aplica tá. (Professora Rosa. Entrevista, 2018).

Se entende nesse primeiro relato que o instrumento que a professora privilegia é o de atividade extra-classe, pois acha que ele é de fundamental importância para avaliar o desenvolvimento dos discentes diariamente.

Ao relatar os instrumentos de avaliação de leitura e escrita mais utilizados para avaliar seus alunos a professora Jasmim nos relata que utiliza os trabalhos de classe e extra-classe. Procura observar até mesmo a maneira como a criança está tirando da lousa, da escrita no caderno entre outros. Assim, ela nos conta em seu relato:

[...]São os trabalhos de classe né, as atividades de classe como falei, até mesmo a como ele tá se saindo tirando do quadro branco que nós usamos, utilizamos o quadro branco, que tá fazendo no lado daqui, porque você pode avaliar. Tem gente que não gosta de usar e não usa, a gente usa, eu uso pelo menos aqui na escola, porque você consegue avaliar como é que tá, até a visão do aluno. Tem aluno que você detecta, faz uma avaliação de como tá a visão dele, apartir disso, se ele tá olhando muito assim, se ele tá conseguindo ver a letra, se ele tá conseguindo fazer, se não tá e a avaliação que eu faço é apartir disso, dessa escrita no caderno, o que ele faz, como é que tá o alinhamento, como é que vai e das atividades de casa também porque as vezes eles levam atividades pra casa, quando voltam é uma outra letra mais bonitinha, ai você sabe que não é a dele né, e eu pergunto amor quem fez? [...]. (Professora Jasmim. Entrevista, 2018).

Neste relato a entrevistada ressalta que além dos trabalhos de classe, procura estar sempre atenta a maneira como as crianças estão fazendo a escrita da lousa no caderno. Ainda em relação as tvidades de casa que os alunos levam pra casa observa quem fez a tarefa do aluno e confessa que até gosta quando os pais o fazem, pois demonstram que estão preocupados. Avalia também seus alunos com atividades extra-classe, bem como nas avaliações, e até os testes, as provinhas como a do PNAIC, que para ela, este lhe oferece até mesmo os conhecimentos sobre os níveis de escrita dos alunos nos testes e que este ano

passou a avaliar seus alunos com base nesses níveis de escrita especificados nos testes e que utiliza até mesmo para fazer o parecer dos alunos.

Portanto, a professora utiliza vários instrumentos importantes que facilitam o seu trabalho ao mesmo tempo que revelam resultados sobre a aprendizagem dos educandos. Quanto a terceira professora, informa que seu principal instrumento de avaliação de leitura escrita é a própria leitura individual com os alunos, pois acha que é desse modo que conseguem se sobressair melhor como podemos constatar em seu relato:

Eu uso muito a leitura individual mesmo. A leitura individual porque o aluno, ele consegue se sobressair melhor. Quando é no coletivo não, no coletivo aquele que sabe mais se sobressai e o que sabe menos já fica com vergonha. Prefere abrir nem a boca e aqui comigo não. Eu acabo até me surpreendendo. (Professora Violeta. Entrevista, 2018).

Com isso, se compreende que a professora da grande importância ao próprio hábito da prática da leitura, em especial a leitura individual.

Ao enfatizar a questão dos instrumentos de leitura e escrita mais utilizados pelos professores, entendemos que a professora do 1º ano se apega aos trabalhos extra- classe. A professora do 2º ano já privilegia os de classe, ou seja aqueles realizados na sala, onde observa de que maneira os alunos estão realizando. Enquanto que a professora do 3º ano, privilegia a leitura que também é realizada em sala de aula.

Vale ressaltar que os instrumentos de leitura e escrita podem ser utilizados pelo professor para avaliar os níveis de escrita dos alunos e assim trabalhar juntamente além da leitura, a escrita.

Sobre esse aspecto a primeira professora relata que para avaliar e identificar os níveis de escrita dos seus alunos, utiliza atividades como auto-ditado, desenhos para que eles possam escrever o nome dos desenhos. Assim sendo, a professora descreve em seu relato que:

Olha é a gente é muito cobrado pelo Pnaic né, sobre o desenvolvimento da aprendizagem dos alunos e que nível eles estão. Tão geralmente nos aplicamos um teste de sondagem né. Então o que agente utiliza mesmo é isso aqui ó, a sondagem das hipóteses de escrita. Porque quando o aluno, tu dá uma figura pra ele, que isso daqui eu trabalho muito em sala de aula, com é auto ditado né e é a linguagem, tu dá um desenho pra ele e ele consegue escrever o nome dos desenhos ou se for pra formar por exemplo, meus alunos de 3º ano, eles já estão num nível que eu dou o desenho e peço pra eles construir frases sobre aqueles desenhos e eles fazem. Entendeu? Então o que a gente usa é isso, agente aplica o teste da sondagem, que é pra gente saber a hipótese da leitura e da escrita e que nível o aluno está. (Professora Rosa. Entrevista, 2018).

A partir dessas premissas, podemos constatar nas palavras da professora que pelo fato de serem cobrados pelo PNAIC e também por pensarem no desenvolvimento dos alunos, são aplicadas atividades para esse fim.

Para contribuir a respeito do mesmo questionamento a docente do 2º ano conta que tem a colaboração de pequenos trabalhos que realiza com a turma para avaliar quanto ao nível de desenvolvimento da escrita. Portanto, em seu relato descreve que:

Olha, eu utilizo os trabalhinhos como falei e peço sempre para o aluno colocar o nome dele e aí dá para avaliar seus níveis né. O aluno escreve seu nome e com isso dá para perceber alguma coisa sobre sua escrita, se falta letra, se não falta, como ele escreve. É de forma muito simples. (Professora Jasmim. Entrevista, 2018).

A professora demonstra que utiliza atividades simples e que acha importante que os alunos escrevam seu nome para que possa avaliá-los quanto ao nível de escrita.

Quanto a professora Violeta em seu relato revela que tem como referência a teoria de Emília Ferreiro, trabalhando com ditados e textos. Nessa perspectiva a professora baseia-se na Emília Ferreiro, “eu como eu trabalho com eles diferenciado e aí eu sempre faço ou um ditado, ou um texto diferenciado, não um tema pra todos, e aí a partir disso eu faço uma avaliação, como de eles estão, qual é o nível alfabético que eles se encontram”. (Professora Violeta. Entrevista, 2018).

Então diante do exposto realizado por cada docente compreendemos que a primeira delas realiza um teste de sondagem. A segunda professora avalia o aspecto dos níveis de escrita dos alunos por meio de atividades simples. Enquanto que a professora do 3º ano se baseia à luz da teoria da educadora Emília Ferreiro. Constatou-se portanto que todas realizam atividades para identificar os níveis de escrita dos alunos.

Ainda ao se considerar a fala da professora a respeito do fato de ter como base o trabalho da pesquisadora e educadora Emília Ferreiro, para avaliar seus alunos quanto ao nível de desenvolvimento da escrita, enfatizamos sobre essa teoria o seguinte experiência “Bruno começou o ano letivo com uma concepção de escrita que Emília Ferreiro denominou hipótese silábica. Ele está convencido de que a cada emissão sonora, a cada sílaba falada, corresponde uma letra”. (WEISZ, s/a, p.09).

Neste sentido, como os professores estão trabalhando para que os alunos avancem quanto ao nível de desenvolvimento da escrita dos alunos.

A professora do 1º ano assegura que utiliza todos os recursos que puder para auxiliar na leitura. Trabalha com ditado, textos curtos e leitura é a base para fazer com que os alunos desenvolvam. Portanto coloca em seu relato que:

[...] então, todos os recursos voltados pra leitura que eu poder construir e trazer para a sala de aula, eu tento fazer né, pra aplicar junto com a minha atividade. Mas eu trabalho muito ditado com eles, eu não passo, eu não dito textos grandes pra eles. O texto geralmente é escrito, mas quando eu trabalho o texto com eles, a interpretação textual, eu procuro é absorver tudo o que tem no texto, trazer de informação, retirar do texto pra eles, pra que eles me deem a resposta. Entendeu? Então é, a gente, eu me preocupo muito aqui, os professores aqui da alfabetização, a gente se preocupa muito de trabalhar a leitura, e sim fazer com que eles desenvolvam. Por isso que eu te digo que eu não abro mão do silabário [...]. (Professora Rosa. Entrevista, 2018).

Em seu relato, a professora deixa claro que procura realizar atividades diversificadas como ditado, textos, para que as crianças possam avançar quanto ao nível de desenvolvimento da escrita, bem como busca desenvolver outras habilidades importantes dos alunos. Além disso se preocupa bastante com a alfabetização das crianças e o seu desenvolvimento.

A professora Jasmim, aponta que trabalha a partir das dificuldades detectadas e reforça a importância da formação do Pnaic, que contribui para este trabalho. Procura se organizar, pesquisar dinâmicas por exemplo, para assim no final do ano conseguir o resultado esperado como afirma em seu relato:

[...] a partir da dificuldade né, dos dois. É detectou uma dificuldade, onde tá essa dificuldade. Então vamos trabalhar em cima disso, de que forma. A gente sempre tem treinamentos, tem o Pnaic que agora eu faço parte, eu não fazia parte. Acho legal! Algumas coisas agente faz no Pnaic, não dá pra fazer tudo, nem tudo, mas dá pra fazer. Esse dia eu tava até pensando, agora em julho, já vou arrumar, organizar umas dinâmicas, porque já dá pra trabalhar é com eles, porque agora já tão mais, que no começo eles tão muito agitados mana, até você organizar essa turma; hum! Haja gogó né, e aí dá pra gente trabalhar, tanto o escrito, textos, 4º ano mesmo eu agora tô trabalhando questão do texto e interpretação do texto, texto simples, pequeno, porque eles quando eu cheguei, eles não conseguiam professora, eu ficava ah! De boca aberta. Meu Deus, vocês não sabem! O título do texto, aí começamos, o título do texto tá aqui, os personagens do texto é isso. Então eu acredito, que tudo parte da leitura, se não tem a leitura como que ele vai resolver, que ele vai conseguir né. Então eu fico procurando dinâmica, eu agora com a questão da internet, pesquisando, imprimindo coisas mais simples pra chegar no final do ano, você conseguir o resultado esperado [...]. (Professora Jasmim. Entrevista, 2018).

Logo percebe-se que a professora realiza suas observações e em cima disso trabalha as dificuldades detectadas. Tem boa vontade, pois é uma pesquisadora como todo professor, se

organiza e busca conseguir concretizar seus objetivos com seus alunos. Entretanto, a professora Violeta, quanto ao aspecto de fazer com que seus alunos avancem quanto ao nível de escrita, foi mais resumida, mas pondera que trabalha bastante com textos para o incentivo da leitura. Assim declara em seu relato: “Eu trabalho muito com leitura, com texto” (professora Violeta. Entrevista, 2018).

Fica evidente nos relatos, que a professora do 1º ano se preocupa em construir materiais, além de trabalhar com ditados e textos que lhe ajudem nesse processo em que os alunos devem avançar quanto ao nível de desenvolvimento da escrita. Já a docente do 2º ano trabalha a partir da dificuldade da leitura quanto da escrita e acredita que tudo parte da leitura. A professora do 3º ano enfatiza também o uso da leitura.

Para elaborar atividades avaliativas é necessário muitas vezes pesquisar. Algumas fontes colaboram com esse processo avaliativo de leitura e escrita. Neste sentido, que fontes os docentes estão utilizando?

Ao colaborar com essa questão a professora do 1º ano menciona que utiliza bastante os livros do Pnaic. A professora também procura ler, se informar sobre avaliação, bem como colocar em prática o que aprendeu na teoria. Para melhor compreensão ela nos coloca em seu relato a seguinte afirmação:

Olha eu utilizo muito o livro do Pnaic que eu tenho. Então, a gente tem um, um eu tenho, eu leio, eu sempre faço a leitura assim de algo voltado pra alfabetização dos alunos e eu tenho um livro também que fala muito sobre a avaliação. Então eu procuro utilizar o que eu aprendo teoricamente, que eu vou buscar né, aprofundar na sala de aula e a nossa avaliação, a minha avaliação aqui ela é mais é qualitativa, ela é mais voltada pra somativa, pra desenvolvimento da aprendizagem dele, o que ele realmente tá aprendendo ou não. Quando eu aplico o teste, a avaliação é só pra eu ter a certeza se o aluno conseguiu aprender ou não. Porque ele vai me dar um retorno. O que ele não conseguiu aprender na avaliação, o que ele não consegue fazer, eu já consigo perceber que ele não aprendeu realmente, então já vou trabalhar em cima disso. E os alunos que eles me dão retorno, que aprenderam de forma significativa, eu já vou avançar com esses alunos entendeu? E os alunos que não conseguem resolver no dia da prova, do teste aplicado, aí eu vou trabalhar em cima daquilo que eles não conseguiram aprender, que eles estão com dificuldade ainda, dessa forma que eu trabalho a avaliação aqui. (Professora Rosa. Entrevista, 2018).

Então diante do exposto que a docente nos coloca é correto dizer que demonstra interesse na busca por diversas fontes e assim fica bem informada. Utiliza o que aprende e coloca em prática seja para alfabetizar ou para avaliar a aprendizagem de seus alunos.

A professora do 2º ano enfatiza que gosta de pesquisar atividades na internet. Além disso, gosta de trocar ideias com as colegas de trabalho, trocar experiências pois isso ajuda na sua construção das atividades. Em seu relato:

Bem sempre que posso utilizo a internet para pesquisar os trabalhinhos, tem umas atividades bem interessantes. Também gosto muito de conversar com os meus colegas de trabalho, isso é bom, assim aprendemos alguma coisa com a experiencia do outro e passamos a utilizar né. O tempo que agente tem, e é isso (professora Jasmim. Entrevista, 2018).

De acordo com o relato acima se entende que a professora do 2º ano também utiliza suas fontes de pesquisa para elaborar atividades avaliativas. Enquanto a professora do 3º ano já se apropria de outras fontes. “Olha eu utilizo muito os professores mais experientes. Gosto muito de conversar e pegar dicas”. (Professora Violeta. Entrevista, 2018).

Levando-se em conta os relatos das professoras se compreende que ambas utilizam fontes para elaboração de atividades avaliativas, seja por meio de livros como aponta a professora do 1º ano, seja com o uso da internet como coloca a professora do 2º ano, que também se apropria das experiências dos colegas, bem como a professora do 3º ano que se utiliza deste último instrumento também.

Sabemos que as avaliações externas são uma realidade em muitas escolas e desse modo fica a critério do professor perceber que influencia esse tipo de avaliação tem ao elaborar instrumentos avaliativos de leitura ou até mesmo no formato de perguntas que são elaboradas para os alunos.

Com base nesse aspecto, os docentes esclarecem que influencia esse tipo de prova tem em seu trabalho avaliativo. Nesta direção a professora do 1º ano em seu relato esclarece que as avaliações externas influenciam nos instrumentos utilizados por ela como expõe em seu relato:

Sim. É, a gente sempre procura né. Eu sempre procuro pesquisar o que as outras escolas estão trabalhando, porque, né porque a gente trabalha na zona rural que a gente vai trabalhar de forma isolada. Eu sempre procuro ver o que as escolas da cidade estão trabalhando, por exemplo, eu pesquiso antes de trabalhar um assunto, eu pesquiso na internet de que forma eu posso trabalhar esse assunto e trazer pra sala de aula. Tá, de acordo com o que possivelmente a provinha ANA venha me cobrar né? Porque a gente sabe que a gente é cobrado através do da dessa avaliação. O sistema ele te cobra dessa forma. Então tu precisa aplicar teus conteúdos, fazer os alunos avançarem no desenvolvimento da sua aprendizagem de acordo com que o sistema pede. A avaliação ANA ela é uma, a provinha Brasil também. Esses dias eu fui passar, aplicar a prova de matemática e eu procurei pesquisar na internet os assuntos

que eu tava tabalhando sobre sistema de numeração é decimal, o que as provas cobram, entendeu? E ai eu elaborei minha prova de acordo com o sistema. (Professora Rosa. Entrevista, 2018).

Neste relato percebe-se o quanto é evidente a preocupação da professora em trabalhar também de acordo com as avaliações externas. Pois pra ela deve-se trabalhar dessa forma porque o sistema vai cobrar assim.

Infelizmente muitas vezes temos que nos desdobrar para trabalhar além dos conteúdos do planejamento, os conteúdos que com certeza caem nesse tipo de prova. Só não podemos esquecer que além de dar conta de tudo isso, a quem se direciona essa forma de trabalhar. Já é possível observar também que assim como a professora faz, muitos professores ou por conta própria ou porque é uma exigência do município também o fazem, se organizam para preparar melhor o aluno para esses tipos de avaliação. Por uma parte isso também é bom, pois ajuda a pensar numa preparação melhor para nossos alunos.

A professora do 2º ano informa que os testes que vem a nível nacional ajudam o professor avaliar as habilidades do aluno, ao mesmo tempo que serve para o professor avaliar o trabalho que está sendo desempenhado com a turma. Como se vê em seu relato:

Nós fizemos, só uma né. Mas, elas ajudam a partir de de, quando você trás que vem e aplica você vê as atividades, porque eu acho que a gente se exige muio né. É, pelo menos aqui, eu e a outra professora, a gente sempre conversa, então a gente exige muito da gente, quer exigir do aluno e ai quando você vê uma provinha dessas que vem a nível nacional, você olha e vê que não é tanto, que é simples, só que são coisas bem simples que mais que você apartir de uma figura como vem, né e lá eles vem dizendo assim, faça o nome da figura e ai você vai a borboleta, a bola, tem palavras simples, palavras mais complexas. Apartir dali você consegue ver o que o aluno faz e ai você vê que não é tanto aquilo que você exigia porque eu acho que a gente as vezes quer dá mais do que é pra ser. Aí você volta dá uma parada, uma respirada, êpa! Umbora voltar, vê a idade dele, o nível dele, vê como é que ele tá, apartir daí, eu acho que essas provas ajudam nesse sentido, muito, agente mesmo a se questionar pera lá, será que eu tô indo certo? Será que eu tô exagerando? Será que eu tô, não estou? Será que eu quero mais? Será que eu quero pouco? Apartir daí, dá pra você fazer uma, é um termômetro digamos assim, pra gente se avaliar, pra gente fazer a própria avaliação, se policiar, se corrigir ou ver se tá no andamento, então será que é isso, então tá ok. Porque, eu acho legal essas provinhas, né. E eles gostam de fazer também, as provinhas que vem a nível nacional. (Professora Jasmim. Entrevista, 2018).

Neste relato a professora se tranquiliza e descreve de forma simples o que observa nas avaliações externas. Porém, ganha proveito dessas avaliações quando a utiliza para medir a qualidade dos trabalhos realizados com os seus alunos.

Para a professora do 3º ano, as avaliações externas não influenciam a elaboração de instrumentos avaliativos utilizados por ela. Assim, como descreve em seu relato:

Não, não utilizo não. Eu elaboro de acordo com a turma, com o grau, com o nível da turma. Tanto que minha própria provinha avaliativa, ela é de acordo com o nível, ela não é uma só. Eu elaboro dois, tres tipos de provas diferentes, de acordo com o grau da criança, com o nível do aluno. (Professora Violeta. Entrevista, 2018).

Nos três relatos das docentes, percebe-se que a professora do 1º ano se preocupa em pesquisar de que forma se trabalhar os conteúdos que caem nas avaliações externas, pois acredita que se deve se trabalhar dessa forma porque é assim que o sistema cobra. A professora do 2º ano vê nessas avaliações uma oportunidade para que o professor possa avaliar como o aluno se desenvolve, bem como avaliar o próprio trabalho que desempenha com seus alunos, se esta no caminho certo. Enquanto que para a professora do 3º ano, as avaliações externas não influenciam em seu trabalho, tanto que realiza suas atividades avaliativas baseadas apenas no nível que as crianças apresentam, e por isso chega a fazer provas diferentes que estejam de acordo com o grau de desenvolvimento dos alunos.

Ao avaliar os alunos quanto a distribuição dos pontos para atribuição das notas, os professores relatam de que maneira o fazem. Nesse sentido, a docente do 1º ano em seu relato confessa que distribui os pontos de acordo com as atividades de classe, extra-classe, leitura e de acordo com o desenvolvimento do aluno. É a partir desse contexto que relata:

Olha. A questão de atribuir notas na hora da correção, é só uma questão é de da direção da escola, ela exige que a gente atribua notas. Mas, eu gosto de mesmo atribuindo notas, dar o conceito, pra que o pai veja como seu filho está, e de que forma ele pode melhorar de que forma ele pode tá me ajudando, me auxiliando em casa né, é auxiliando o filho dele no desenvolvimento da aprendizagem. Então eu divido a pontuação sempre assim: a prova ela nunca vale 10. Geralmente a minha prova ela vale 7,0 pontos, aí eu coloco a participação, mas sempre deixo bem claro que participação não é o aluno vim pra escola todo dia, porque eu acho que ele vim pra escola todo dia é dever dele. A participação é quando ele participa ativamente das aulas, das atividades que são aplicadas em sala de aula né. Aí eu coloco Português por exemplo, a leitura 1 ponto pra leitura como ele está, se ele está bem ele ganha 1 ponto, se ele está lento, ruim ou regular eu sempre coloco só meio ponto né. É de acordo com o que ele vai desenvolvendo mesmo, e eu sempre coloco os trabalhos extra-classe, trabalhos que ele fez tanto de classe, extra-classe, eu dou pontuação. Então as minhas provas elas são divididas desse jeito é participação, atividade extra classe, é atividade de sala de aula, sempre assim. (Professora Rosa. Entrevista, 2018).

Portanto, a professora do 2º ano enfatiza que atribuir notas aos alunos é uma questão necessária para que o aluno do fundamental menor se acostume a ser avaliado dessa forma antes de migrar para o fundamental maior. Complementa ainda que este tipo de avaliação é muito valorizada pelos alunos já que acreditam que para passar dependem de boas notas. No entanto esclarece que avalia e distribui a pontuação de acordo com as diferentes atividades que realiza com eles. Tudo o que vai para o parecer, se avalia com pontuação. Assim, seguindo esse raciocínio em seu relato esta professora afirma que:

[...] Aqui na escola, a diretora não quis abolir média, só por questão de ir acostumando, porque quando forem lá pro 6º ano, 7º ano, eles já estarem acostumados, e eles pensam que média passa, ainda pensam né, eles acham que a nota passa, mas sabe que não, os pais também já sabem que não, mais deixam eles porque eles se empolgam com média. Então eles acham que 10 passou, quem tirou 4 não passou. Eles ainda tem isso. E a diretora, não deixa aí porque eles vão acostumando com média e quando eles tiram média alta eles se acham. Mas a gente não avalia por média, só que como que a gente, eu faço né. Eu posso, tenho que falar por mim, fez atividade de sala tem ponto, comportamento. Tudo que vai pro parecer a gente vai avaliando, atividade é, um teste, tem o teste; 6,7,5 depende da disciplina né. E aí você vai somando com a leitura. Eu pontuo também na leitura porque é importante. Então, eles pensam que é muita coisa a média, ponto, tem que ter média, tem que aparecer no teste deles bimestrais, tem que ter média, agente não põe parecer, não põe conceito, não põe, porque se colocar não funciona [...]. (Professora Jasmim. Entrevista, 2018).

Com isso, verificamos que a professora adota notas para respeitar as normas da escola, além de privilegiar a valorização que os alunos dão a ela. Se trabalha com o parecer também, embora o que vai nos testes, provas são as médias. Assim consegue realizar ao mesmo tempo uma avaliação qualitativa e quantitativa. Em seu relato, afirma ainda que para o aluno o vale ponto, vale muito. No entanto, ressalta que os alunos são avaliados todos os dias, em pequenas atitudes em seu comportamento também, e, portanto até isso vira nota.

Em consonância com estes requisitos a professora do 3º ano garante o propósito da distribuição de pontos como critério para avaliar os alunos. Ressalta que para o aluno obter pontos deve participar ativamente das atividades. Logo esclarece em seu relato:

De acordo com quanto vale a avaliação. Se ele tiver, se ele for participativo. A participação ela não se dá só na frequência. Não é porque o aluno vem, que ele tem o ponto de participação, ele precisa participar das atividades, ele precisa ter, ser coletivo com os seus colegas, ele precisa participar de todas as aulas, de todas as atividades pra ele poder adquirir esse ponto e a prova, o valor total dela, ela se dá dependendo do ponto de participação. (Professora Violeta. Entrevista, 2018).

Sempre de forma bem sucinta a professora do relato acima descreve como distribui os pontos para atribuir notas. No entanto evidencia que faz questão de valorizar a participação dos alunos em sala de aula como requisito para tal.

Ao avaliar os três relatos verificamos que as docentes costumam distribuir pontos aos alunos para assim dar uma média. Portanto, a professora do 1º ano além da nota gosta de dar o conceito. Enquanto que a docente do 2º ano realiza o parecer, mas faz questão de dar média no testes. Para a professora do 3º ano a distribuição de pontos se dá de acordo com a participação dos alunos.

Passado o período de avaliação, um momento que pode ser subsequente a ele e muito importante é a correção em sala de aula com os alunos para explicar os erros cometidos.

Apartir dessas premissas a professora do 1º ano enfatiza que se faz questão de revisar os conteúdos antes das avaliações e que logo termine esse período costuma discutir com seus alunos e explicando o que acertaram e o que erraram como nos coloca em seu relato:

Sim. Depois que a gente aplica. Eu, essa semana por exemplo é uma semana de revisão só, né. Na verdade é a revisão ela só serve mais pros alunos de 6º ao 9º ano, porque eles fazem a recuperação né, e os alunos da alfabetização 1º ao 3º ano, não. Mas a gente faz questão de revisar tudo o que foi passado, tudo que foi trabalhado durante o bimestre a gente faz questão de tá revisando com eles, então eu coloco olha essa questão caiu na prova, essa questão era assim, assim. Fulano acertou, fulano errou, parabenizo, né, bora melhorar quem não conseguiu aprender, é dessa forma e aí a gente vai ensinando (Professora Rosa. Entrevista, 2018).

Pelo exposto, compreende-se que a professora faz dessa atividade um momento de aprendizagem, além de incentivar seus alunos a melhorarem.

Quanto a essa questão a professora do 2º ano afirma que ainda não realiza esse tipo de atividade com os alunos desse ano, pelo fato de não ter gramática como por exemplo em uma turma de 4º ano. Como a professora também trabalha com uma turma do 4º ano, já faz com eles porque considera que há uma maior necessidade. Assim, verificamos em seu relato:

Eu faço com o 4º ano, com o 2º ano eu ainda não fiz isso. Não é, mas com 4º ano mais, porque o 2º ano, as mães que vem buscar, os responsáveis vem pegar. Do 4º ano também, só que como já são assuntos, mais, já tem uma gramática, já exige um pouco mais, eu após a entrega dos testes, eu faço uma revisão do nosso teste. Eu pego o meu né, e faço uma revisão e mostro pra eles, vocês erraram isso, como é isso daqui. Ah! Fessora isso aí era só assim?, eu digo, era tão simples gente, como é que pode? Eu sabia. Mas sabe o que é? é a atenção, concentração que eles não tem na hora de fazer o teste, querem ir embora. Porque é teste, querem ir embora logo né. E aí, a gente

faz a revisão, eles ficam P da vida como diz a mamãe, porque erraram uma coisa que eles sabiam ou não. Professora eu não sabia que esse era assim. Ah! e esse aqui que ah! Agora eu já sei, e eles aprendem né, naquele momento de revisão ali. Eu aprendi isso no magistério, professor. Era o professor Vanilson Paz, na época. Eu aprendi com ele, que você precisa avaliar após a avaliação, passa uma revisão e se no geral a média foi muito baixa, faça uma avaliação sua e peça que os alunos façam. Inclusive, quando eu comecei eu fazia a minha avaliação. Pedia que eles me avaliassem, pedia sempre e parei, porque eu acho que agora eu vou voltar de novo, porque a gente precisa disso. Não é só eu dizer que é isso, eu me julgar, dizer, mas os meus alunos precisam né, me dizer como é que eu estou, e eu vou voltar a fazer isso, falando nisso. (Professora Jasmim. Entrevista, 2018).

Em seu relato detalha como realiza esse trabalho de correção das atividades avaliativas com os alunos, embora não costume fazê-lo com a turma do 2º ano.

Ao considerar este aspecto da avaliação a professora do 3º ano foi mais sucinta como podemos perceber em sua fala: “Realizo o de Português”. (Professora Violeta. Entrevista, 2018).

Pelo exposto, se constata que as professoras do 1º ano e do 3º ano priorizam momentos para se discutir com seus alunos os erros cometidos, embora a professora do 2º admita que faça penas com o seu 4º ano. Reconhecendo essa necessidade nos afirma a autora Gatti (2009,p. 67) “com isto, suprem-se dúvidas e lacunas de aprendizagens anteriores e prepara-se o terreno para as que viram”. Daí a importância dessa atividade.

O ato de avaliar requer uma série de questões como já foi verificado na I seção. Por isso, discutir o seu resultado com os pais se faz necessário e isso na maioria das vezes tem se realizado por meio dos plantões pedagógicos. Assim as docentes afirmam como estão realizando esta discussão com os pais dos alunos.

Sobre isso, a professora do 1º ano relata que este momento se dá por meio do plantão pedagógico e ressalta que este é o momento propício para se conversar com cada responsável de cada aluno e dizer como este aluno se encontra, de que forma os pais podem estar colaborando para auxiliar o professor. Em seu relato explica:

Sim. Por isso a gente faz o plantão pedagógico. Nós fazemos questão né, sempre que termina uma avaliação da gente trazer, fazer o plantão pedagógico. É o momento que a gente tem pra tá conversando com os pais de cada aluno sobre tal disciplina, por exemplo se ele não, se tá bem em português, mas ele não foi bem em matemática, o que é que tá acontecendo, que foi que aconteceu, onde foi que ele errou, o que precisa melhorar, que que ele pode nos ajudar, nos auxiliar, eu trabalho dessa forma. (Professora Rosa. Entrevista, 2018).

De acordo com o relato da professora, percebemos que esta conversa com os pais para se discutir o resultado das avaliações se faz no momento do plantão pedagógico. Um momento para deixar os pais ciente das dificuldades e avanços das crianças e até para pedir auxílio dos pais.

A professora do 2º ano revela que conversa com os pais dos alunos sobre o resultado das avaliações individualmente. E que faz questão de deixar bem claro o porque de cada ponto das atividades. Logo ela explica isso em seu relato:

Sim. E aqui é muito individual, eles são de vim buscar, de vim saber e eu falo sempre pra eles o porque, mostro, por isso que colo no teste, já vai lá os pontinhos tudinho né, de leitura, de teste, de participação, de trabalho de classe, trabalho extra classe, tudo isso eu coloco lá, pra ficar consciente porque não adianta colocar lá uma média e não saber do que. Mas se o pai é um pai presente, ele vai saber de onde veio, porque ele veio. O pai sabe, aquele pai que é presente ele sabe, já até imagina a média que o filho vem né, trazendo da escola. Mas eu costumo sim. (Professora Jasmim. Entrevista, 2018).

Neste relato fica evidente que a professora discute com os pais sobre o resultado das avaliações e que se propõe a fazer com que os pais entendam sobre o seu resultado. Ressalta que muitos deles até sabem a média que o filho vai levar pra casa.

Em relação a professora do 3º ano, em seu relato afirma que costuma também fazê-lo durante o plantão pedagógico como podemos ver em sua fala:

Sim. Através do plantão pedagógico agente tem essa chance de conversar com os pais sobre o desenvolvimento de dos seus filhos na escola. (Professora Violeta. Entrevista, 2018).

Nessa perspectiva, é visto que faz parte da realidade das professoras discutir o resultado das avaliações com os pais dos alunos do 1º ciclo. Esta atividade é de suma importância para que os pais tenham conhecimento da aprendizagem e desenvolvimento das crianças como nos diz um dos professores em seu relato.

Nem sempre ao avaliar os alunos se tem um resultado desejável, principalmente em relação a leitura e a escrita. Quando isso acontece cada professora adota uma medida no sentido de melhorar o resultado das avaliações.

Apartir dessas premissas, os professores dizem em seu relato o que fazem quando isso ocorre. A professora do 1º ano nos diz em seu relato que é por meio da avaliação que o professor consegue perceber as dificuldades e avanços dos alunos quanto a sua aprendizagem,

além de buscar mecanismos que estejam de acordo com aprendizagem do aluno para assim avalia-lo. De acordo com o exposto a professora cita em seu relato:

[...] A avaliação ela vai te dar o norte do que o aluno realmente tá aprendendo ou não, porque a realidade dos nossos alunos da alfabetização é que eles vem muito com a ideia de creche, de brincar né e a atividade eles tiram pouco tempo pra, pra se concentrar. Então a gente tem que buscar recursos que traga o aluno a se concentrar pra aprender sobre aquele determinado assunto que você quer trabalhar, que chame atenção dele, pro desenvolvimento da aprendizagem. Então a gente, eu pelo menos eu busco muito assim quando a prova dele me dá uma resposta negativa que ele não aprendeu é por exemplo eu trago pra prova de Portugues a família silábica e eu sei que tem aluno que agora que tá nas vogais, inda não avançou pro pro alfabeto , que que eu faço? Eu faço uma avaliação de acordo com o nível dele. Não é a mesma avaliação que os outros alunos que já estão mais avançados fazem né, porque eu consigo perceber isso no dia-dia [...]. (Professora Rosa. Entrevista, 2018).

Neste relato da professora se consegue ver que ao receber uma avaliação de leitura e escrita dos seus alunos de forma negativa, a docente busca mecanismos que ajudem o aluno a avançar, em sua aprendizagem realizando por exemplo uma prova de acordo com o nível que a criança se encontra.

No entanto a professora do 2º ano considera uma outra possibilidade quando isso acontece, pois acredita que quando a maioria dos alunos demonstram um resultado negativo na avaliação é hora do professor se auto-avaliar, se questionar, procurar uma maneira de solucionar as dificuldades com estratégias novas. Assim vemos em seu relato:

[...] Eu vou me avaliar, porque? Se é a maioria, não é só com eles, o problema não está so neles, isso eu aprendi lá em peda, no curso de Pedagogia e que realmente tem que ser; porque se? 3 alunos, 4 alunos de 25 alunos tiram uma média baixa ou não alcançou o objetivo, não alcançaram ok, posso trabalhar em cima da dificuldade deles. Agora se tem 10, 12 opa! Vamo vê alguma coisa está errada não só com eles, comigo também, será que é a forma como, aí eu fico me perguntando, me sento aqui e fico será que é a forma de repassar? Ai eu vou ver uma estratégia de repassar o assunto, passar a pesquisa, aí começa, aí vou passar uma pesquisa, então eu vou passar um seminário porque aí , eles começam, ai já vai né aquela questão de você se remoer, aí será que é isso? Será que não é? Não, mas fulano, mas o fulano que é tão bom de pegar esse assunto, ele não pegou [...]. (Professora Jasmim. Entrevista, 2018).

O relato da professora revela que esta ao se deparar com resultados indesejados nas avaliações de leitura e escrita se auto-avalia e também a própria turma em questão. Que ocorreu de fato para que o resultado não fosse o esperado, ao mesmo tempo que busca mecanismos que venham dar soluções aquela devida situação. Importa destacar que ao avaliar

nossos alunos muitas vezes estamos nos avaliando como defende a outra Gatti (2009, p. 74) “ ao avaliar seus alunos os professores estão avaliando a si mesmos, embora a maioria não tenha consciência disto ou admita isto”.

A professora do 3º ano em relação a essa questão manifesta a mesma atitude a de rever a sua prática quanto docente. Como afirma em seu relato nos diz:

Eu revejo a minha prática pedagógica pedagógica. Vejo onde é que tá o erro. Pode ser meu ou pode ser dele. Por isso que eu trabalho níveis. (Professora Violeta. Entrevista, 2018).

Pelo relato da professora se entende que quando o resultado das avaliações de seus alunos não demonstram bons resultados, procura se auto-avaliar.

Verifica-se no relato da professora do 1º ano que quando em uma avaliação de leitura e escrita não se alcançou os resultados esperados, a sua estratégia é avaliar seu aluno de acordo com o nível que a criança apresenta. Enquanto que os relatos das docentes do 2º e 3º ano são mais semelhantes pois ambas procuram se auto avaliar e portanto rever sua prática docente quando isso acontece.

Numa avaliação de leitura e escrita o professor pode se incomodar com algum aspecto ao avaliar seu aluno. Neste sentido, os docentes relatam se isso ocorre, de que maneira ocorre.

Para a professora do 1º ano, segundo o seu relato, o que mais lhe incomoda é o fato de ter que dar média ao aluno por conta das provas, pois considera que no dia da prova possa ser que o aluno não esteja bem e mesmo sabendo que o aluno tem uma capacidade, pelo fato de não estar bem naquele dia pode vir a tirar uma média baixa e que o professor deve ficar atento quanto a isso. Portanto, vejamos o seu relato:

[...] Aqui na escola a gente é cobrado apesar do 1º até o 3º, 4º e 5º ser parecer agente avalia eles através dos registros avaliativos que a gente faz é diariamente, mas como a escola aqui ela cobra que a gente de uma nota, então isso me incomoda um pouco entendeu. Porque as vezes o aluno ele não consegue fazer aquilo muito bem, aí tira uma média até baixa pro nível que ele tá, e ele as vezes eu vejo que ele tem condições de tirar uma média melhor né, e por conta daquele dia que ele não tá bem ou que a questão, a nossa realidade aqui é que prova na segunda-feira é meio complicado porque os pais daqui que são pais que final de semana eles tão na farra, tão bebendo, isso aquilo outro e na segunda-feira quando eles trazem a criança, a criança não dormiu bem, a criança não passou a noite bem né, por conta da irresponsabilidade do muitas vezes dos pais, ou na maioria das vezes. Então o que acontece a gente vai aplicar o testezinho pra criança ela não vai conseguir fazer bem, porque ela não teve uma noite bem dormida, então tudo isso o professor tem que ficar atento pra aquele momento que a criança tá.[...] (Professora Rosa. Entrevista, 2018).

Ao se considerar este primeiro relato nota-se que a professora em questão é bem crítica em relação a sua observação. O que lhe incomoda sobre avaliação de leitura e escrita é o fato de dar uma nota, principalmente quando este aluno mesmo tendo capacidade de ter uma média boa por motivos familiares não se encontra bem e por isso acaba tendo um resultado negativo e portanto ao avaliar o professor deve ficar atento. De fato a avaliação no sentido de dar nota se torna classificatório. Então, ao complementar essa ideia Santos (2007, p.11) nos diz “para que a avaliação sirva a democratização do ensino, é preciso modificar a sua utilização de classificatória para para diagnóstica”.

Enquanto que a professora do 2º ano, considera que não tem algo que lhe incomode quanto ao ato de avaliar os alunos na leitura e escrita. Para melhor compreensão em seu relato afirma:

No aspecto avaliativo, o que me incomoda? Não, porque eu preciso avaliar como um todo esse aluno né, em todos os sentidos, a questão cognitiva, a questão corporal também que eles são 2º ano, ainda tem a lateralidade, tudo isso eu preciso avaliar, a questão da escrita, do desenvolvimento matemático, lógico, tudo. O contexto dele eu preciso avaliar no geral né e a leitura e a escrita dele. Eu, não, não acho tem alguma coisa que seja, que me incomode, entendeu, tranquilo. (Professora Jasmim. Entrevista, 2018).

Logo compreendemos que a professora do 2º ano não apresenta nada que a incomode quanto ao fato de avaliar seus alunos no aspecto da leitura e na escrita. Pois, avalia seus alunos de forma integral.

Ao responder a essa questão a professora do 3º ano foi bem objetiva em sua resposta, como se vê em sua fala: “Não”. (Professora Violeta. Entrevista, 2018)

Apesar da pouca fala, a professora se manifesta com uma negativa, pois não considera que tenha algo que a incomode no ato de avaliar seus alunos.

Ao se comparar as respostas das três docentes, somente a primeira professora indicou algo que lhe incomodasse no ato de avaliar em relação a leitura e a escrita. As outras duas não destacaram nada que fizessem se sentir incomodadas ao avaliar seus alunos.

Em relação a aprovação automática dos alunos no primeiro ciclo das séries iniciais, os docentes manifestaram sua opinião quanto a isso.

A primeira professora em seu relato explica que essa aprovação automática não é favorável, ao considerar que alunos que pouco frequentam a escola acabam ingressando numa outra série com dificuldades, já que essa promoção é automática. Em seu relato argumenta:

[...] Eu acho bem ruim, por exemplo ano passado eu tive um aluno que ele veio uma vez pra escola, eu tinha registrado no meu caderno, ele veio dia 02 de outubro. Não veio mais pra escola esse menino, tu já imaginou? O menino aparecer na escola, setembro ele não veio, apareceu em outubro, dia 02 de outubro, depois não vem mais, simplesmente não veio, o aluno do 1º ano, e, quando é no ano seguinte eu encontro ele no 2º ano. Ah! Porque ele automaticamente ele tinha que passar. Aí ele vai com dificuldades pro 2º ano e aí o professor do 1º ano acaba pegando a culpa, tá. Porque aí os pais são acionados, a gente leva o caso pra direção da escola, manda a diretora chamar os pais e diz que vai cortar o bolsa família, diz que vai, vai participar pro conselho né.[...] (Professora Rosa. Entrevista, 2018).

Pelo relato da professora se percebe que ela vê de forma negativa a aprovação automática no primeiro ciclo das séries iniciais. Ressalta que isso favorece o aluno que pouco frequenta as aulas por um lado e prejudica por outro, pois o aluno passa com dificuldades.

No relato da professora do 2º ano, a mesma enfatiza que no início achou uma loucura pelo fato de o aluno pouco frequentar a aula e automaticamente estar na série seguinte. Mas acredita que se o professor se comprometer em trabalhar a leitura e a escrita, assim se consegue um resultado positivo. Além de ressaltar que o trabalho em conjunto com a família é de suma importância para contribuir nesse processo. Assim conforme seu relato, assevera:

[...] Tem o ano passado eu condenei muito, eu disse, isso é uma loucura, trabalhar esse negócio de 1º ciclo automático, o menino não vem pra escola, quando chega no ano seguinte já tá lá na outra série, eu falei né, só que esse ano eu já peguei o 2º ano, peguei o 4º ano, eu já faço, por isso que a gente tem que se avaliar sempre, tá sempre disposto a mudanças, ao pensamento flexível. Então já vejo que é possível, que é legal desde que você trabalhe em cima, principalmente da leitura que é no caso a tua pesquisa né, leitura e escrita, que apartir daí você consegue e você dá uma chamada na família, pra que essa família ajude, porque não adianta eu trabalhar aqui, a professora trabalha na outra escola e na família não tem apoio, essa criança não tem uma ajuda, não tem uma atividade em casa que chame atenção dos pais ou que ele diga , não meu filho vamos fazer, resolver, não adianta. [...] (Professora Jasmim. Entrevista, 2018).

Acresce ainda em seu relato que por conta do ciclo, o 3º ano fica bem carregado. Porém considera que quando há um trabalho comprometido com o ensino e aprendizagem é possível fazer este primeiro ciclo. Revela ainda que quando iniciou suas atividades na escola teve dificuldades com sua turma do 5º ano por conta da leitura e ficou bastante preocupada e portanto em uma conversa com a diretora da escola recebeu carta branca para trabalhar somente a leitura para que os alunos pudessem dar conta das outras disciplinas. Logo se nota que dificuldade de leitura e escrita não envolve apenas alunos do 1º ciclo.

Ainda sobre o seu relato, fica claro que procura realizar um trabalho sério, comprometido com os alunos de qualquer série. Além de procurar auxílio da família para contribuir em seu trabalho, bem como rever sua prática docente.

Ao relatar sobre essa questão da promoção automática dos alunos do 1ª ciclo, a professora do 3º ano compartilha de outra opinião, pois segundo ela como o aluno tem a oportunidade de passar para o outro ano, tem menos chances de ficar frustrado e neste caso o aluno se sente mais motivado. Dessa forma afirma em seu relato:

Olha isso aí depende muito, muito, muito; porque tem aluno que no caso se ele fosse reprovado, ele ficaria frustrado e ele acaba por tá novamente naquela série, novamente com a mesma professora, ele acaba travando mais ainda e aí quando ele avança, mesmo sem saber, quando ele chega na outra série, ele se sente mais motivado e consegue. Outras vezes não, outras vezes o aluno ele é realmente passado automaticamente, mas não consegue adquirir conhecimento nenhum e ele chega em um nível em que vai ter a reprovação e lá ele fica. (Professora Violeta. Entrevista, 2018).

Portanto, a professora do relato acima faz outras observações prováveis de acontecer sobre a aprovação automática.

Sobre os três relatos é possível compreender que as professoras do 1º e 2º compartilham da mesma ideia, pois ambas colocam que a aprovação automática no 1º ciclo pode vir a facilitar os discentes que pouco frequentam a escola e ao acontecer isso o seu desenvolvimento não é satisfatório. Porém, de acordo com a professora do 2º ano ao se trabalhar a leitura e a escrita é possível que se tenha um bom resultado.

Como bem foi colocado sabemos que os alunos do 1º ciclo são promovidos automaticamente para um novo ano. Os professores dos relatos demonstraram comprometimento com esse alunado. Porém, de acordo com os seus próximos relatos nos colocam se consideram que os alunos estão conseguindo finalizar o primeiro ciclo realmente alfabetizados como dispõe a lei.

Neste sentido, a professora do 1º ano relata que neste aspecto se sente bem satisfeita, pois acredita que a sua turma esteja bem desenvolvida, embora apresente níveis diferentes de aprendizagem, onde uns alunos conseguem um desenvolvimento e outros detêm outros conhecimentos. Argumenta que a alfabetização vai ser consolidada ao longo dos ciclos. Logo, em seu relato afirma:

[...] Eu, eu me sinto muito satisfeita. Que nem eu tô te falando, eu sei que numa turma de 1º ano, de vinte e cinco alunos, possa que cinco não saiam alfabetizados, totalmente lendo, como eu gostaria, mas eles já vão conhecendo

muita coisa, principalmente o alfabeto, as sílabas porque isso é diária. As atividades que eu trabalho de leitura e escrita de sala de aula são todas voltadas pra isso, pro desenvolvimento da leitura. Então eu acredito que os alunos que não vão lendo, formando palavras grandes de três sílabas, quatro sílabas, mas já vão pelo menos formando palavras de duas sílabas, isso pra mim já é um avanço muito significativo porque ele vai ao ciclo né, primeiro, segundo e terceiro ano, que vai ser consolidado no 3º ano. Então ele vai aprofundando o conhecimento dele né, agente introduz, vai aprofundando, mas no 3º ano é que é pra ser consolidado. Então eu acho que a responsabilidade maior é do 3º ano, não que todos os ciclos não tenham responsabilidade, eu pelo menos, eu tenho um compromisso com a minha turma, a minha turma é 1º ano, é alfabetização, então eu vou dar o meu máximo pra que no final do ano esses alunos saiam alfabetizados.[...] (Professora Rosa. Entrevista, 2018).

Nas palavras da professora do relato acima é claro a sua satisfação com o trabalho realizado com a sua turma em relação a alfabetização no 1º ciclo. A professora demonstra segurança e considera que a maioria de sua turma está dentro do padrão dos alunos alfabetizados. Se não, acredita que embora a minoria dos alunos não alcance o padrão, mas estão bem encaminhados para esse percurso.

Esse comprometimento com a alfabetização levada a sério, beneficia concerteza o sujeito maior da aprendizagem que é o aluno por isso “é preciso considerar que a alfabetização com qualidade nos anos iniciais contribuirá positivamente para a aprendizagem dos anos seguintes e para o desenvolvimento da criança”(RUSSO, 2013,p.14).

Ao relatar a respeito de os alunos saírem alfabetizados no primeiro ciclo das séries iniciais, a professora do 2º ano afirma que o sistema contribui de forma negativa quanto a isso pelo fato de ter que promover o aluno para um novo ano e ao chegar no 3º ano com a retenção do aluno ele pode vir a se prejudicar se isso se prolongar e, ao chegar no final do 2º ciclo isso se torna ainda mais prejudicial. Além do que aponta que muitos alunos estão chegando no fundamental maior sem saber ler. Assim, segue seu relato:

[...] Então esse sistema não tá ajudando, eles, eles falam né, não tá ajudando, porque esse aluno era pra sair pro 2º, é pro fundamental maior, alfabetizado mas não, porque ele vai, passa do 1º, 2º, quando chega no 3º estagnou lá um ano, dois anos, quando não quer nada, o professor passa, ele começa a ficar desestimulado quando ele começa a repetir, a ficar retido, ele começa ficar triste porque ele vai tá um menino ou uma criança maior do que os outros, aí já começa aquela questão de encarnação, de bullying. Ah! Tu é um cavalo no nosso meio, já começa isso, então ele já começa a ficar mais desestimulado, ainda. Se você não for um professor que observa e trabalha em cima disso, isso vai causar problema. Te que chega alguém que diz vai, não é? Passa, aí o menino passa, aí ele começa, ele começa a ficar aquele aluno benção que nenhum professor aguenta. Mano tu tá no 5º ano, chuta, parece uma bola, é ou não é? Chuta feito uma bola vai te embora pro 6º ano, chega lá

no 6º ano mesmo é só trabalho, porque os professores reclamam; escolas maiores até do que essa, ele não tem comunicação entre os professores né. Aqui acho muito legal porque os professores do 6º ano vem e agente que tá aqui professora, a gente conhece os alunos, professora o fulano como é que tá? Ah! O fulano tá até melhor.[...] (Professora Jasmim. Entrevista, 2018).

Ao analisar este relato nota-se que a professora é muito clara em suas colocações. Muito do que ela apontou é realmente o que presenciamos nas escolas. Crianças que chegam ao final do 1º ciclo sem estarem alfabetizados de fato, o que prejudica consideravelmente os anos que virão de estudo. Se torna bem difícil ajudar alunos nestas condições. No entanto na escola que a professora atua, mesmo com anos diferentes os professores conseguem ter uma boa comunicação. A professora ainda complementa que muitos professores que atuam com o fundamental maior se reclamam por receberem alunos que não conseguem ler e interpretar questões simples.

Bem verdade, como muito foi discutido neste trabalho a aquisição da leitura não é vista como algo fácil, trata-se pois de um fenômeno complexo como muitos autores salientam. Por outro lado a aquisição da escrita também não é como defende Ferreiro(1995, p.32) “è um processo difícil para a criança, mas não mais difícil que os outros processos de aquisição de conhecimento”.

A professora do 3ºano é mais objetiva em sua colocação e explica com poucas palavras o que acha a respeito dos alunos estarem alfabetizados até o final do 1º ciclo, como podemos ver em seu relato: “Não. Cem por cento não”.(Professora Violeta. Entrevista, 2018)

Com base nos relatos se entende que enquanto que a professora do 1º ano se sente satisfeita em relação aos seus alunos saírem do 1º ciclo alfabetizados, pois acredita que a maioria sairá alfabetizada e mesmo aqueles que não finalizarem lendo mas vão ter um bom desenvolvimento. Enquanto que a professora do 2º ano já considera que os alunos do primeiro ciclo não saem alfabetizados como deveriam sair e isso se torna um problema para os ciclos que seguem. E assim a professora do 3º ano conclui que nem todos vão sair lendo.

Ainda se considerando a avaliação da aprendizagem da leitura e escrita do 1º ciclo se faz necessário observar a experiência que os professores tem nessa área da educação. O 1º ciclo que é o da alfabetização com certeza merece uma atenção diferenciada e isso foi muito manifestado pelos relatos dos professores.

Para melhor compreensão, a professora do 1º ano em seu relato faz uma análise sobre os três tipos de avaliação que é a somativa, a qualitativa e a diagnóstica. Enfatiza no entanto que não ve com bons olhos a somativa pelo fato de dar uma pontuação, uma média

negativa para aquele aluno que não se encontra num nível tão elevado. Apartir dessa premissas vejamos em seu depoimento:

[...] A avaliação ela te ela te exige né, é que tu some né que é a somativa, que eu te falei que eu não gosto muito porque é a que tu tem que dá pontuação, a qualitativa, que tu vê a qualidade, que tu vê a qualidade do desenvolvimento do teu trabalho, da do que os alunos aprenderam, o desenvolvimento da aprendizagem é que nível eles estão né e a diagnóstica que eu te falei que eu me preocupo muito, então são três níveis da avaliação que o professor tem que se preocupar , mas tem professor que só se preocupa com a somativa, eu não, eu me preocupo muito com a diagnóstica e com a qualitativa e a somativa eu vou pensar depois, já na hora de de avaliar mesmo, porque eu sei que eu tenho alunos que não tão num nível bom que precisam melhorar né. Eu sei que que a somativa ela vai dar uma média negativa pra esses alunos e eu não gosto muito, como é a alfabetização de que os pais ou os alunos vejam aquela avaliação que foi aplicada de uma forma negativa tá.[...] (Professora Rosa. Entrevista, 2018).

No relato apresentado pela professora é notável a preocupação que ela tem com a avaliação, salienta as suas particularidades e importancia no processo de ensino e aprendizagem. Em suma, defende seu ponto de vista com bastante convicção. Com base no relato da professora e para compreender melhor um dos tipos de avaliação mencionadas por ela, nos atentamos a fala de Santos (2007, p.04) “ a referida função diagnóstica obriga a uma tomada de decisão posterior em favor do ensino, estando a serviço de uma pedagogia que visa a transformação social”.

Quanto a professora do 2º ano a respeito da mesma questão acima, detalha a interação da família para com as questões pedagógicas das crianças e a sua participação ao menos para ter o resultado das avaliações por meio das provas, além de ressaltar que gosta de manter esse contato com os pais ou responsáveis dos alunos. Vejamos em seu relato:

[...] A gente você vê muito a vó, chega e diz: olha professora eu tô gostando porque eu vi diferença no meu neto, no meu filho que elas chamam de filho, que elas chamam de filho né. O meu filho já faz o dever de casa, o meu filho já sabe fazer o nomezinho dele. Então são coisas significativas que você diz opa! Que bom né, mas aqui você tem que ter muito cuidado, critério. Eu aprendi gostar da comunidade. Não moro aqui porque não posso, porque tenho uma bebe de um ano e tem lá o meu outro filho, tem toda a família lá onde eu moro, não tem como. Mas tem que ter amor professora, a senhora sabe disso, tem que ter amor e olhar essas crianças como príncipes e princesas que precisam de muita ajuda da gente, as vezes é isso, as vezes uma palavra que você fala resgata aquela né, aquele aluno ou uma palavra que você fala empurra ele pra lá. Mas as famílias daqui , a maioria, algumas né, eles vem só no momento do pegar as provas, ainda vem. Tem lugar que não vão e, mas eu tenho contato, eu gosto porque eu tenho contato.[...] (Professora Jasmim. Entrevista, 2018).

Ao considerar a resposta para essa mesma questão, verifica-se dentro do relato da professora do 2º ano uma colocação das relações pedagógicas. Porém, no início do relato que não aparece no texto, o seu parecer é mais voltada para o contexto familiar dos alunos, pois em suas observações faz questão de frisar a relação com a família, a valorização dos alunos e mostra-se muito atenta as relações que os alunos mantêm fora da escola e que de alguma forma influenciam na educação pedagógica. Além disso, a professora demonstra ter um compromisso com o seu trabalho, um grande carinho pelos alunos e a comunidade. Chama ainda a atenção para responsabilidade da família para a educação dos filhos.

Em relação a professora do 3º ano, relata que a sua experiência dentro do seu trabalho de leitura e escrita é positiva. Procura realizar um trabalho onde faz um diagnóstico para saber o nível da turma e assim trabalhar de acordo com os níveis apresentados. Desse modo detalha em seu relato:

[...] o que eu posso dizer quanto a minha experiência dentro desses nove anos, que graças a Deus elas foram positivas, é que eu bato nessa tecla, eu faço a diagnose dos alunos , identifico, divido a minha turma em às vezes em até quatro níveis e através disso eu trabalho no unificado, de acordo com aquela dificuldade que foi detectado daquele aluno, eu consigo fazer ele avançar, porque se eu trabalho de uma forma unificada, eu vou trabalhar diretamente com os alunos que já estão avançados e aqueles que não tão eles vão ficando pra trás e dessa forma eu não trabalho. Então eu passo uma atividade, aquele aluno que pra mim tá em um nível ainda, em nível como é que eu posso dizer; eu tô no 3º ano, trabalhando o 3º ano , mas se eu identifico o aluno no nível do 1º ano ou do jardim II, eu vou trabalhar com ele no nível que ele tá, até trazer ele pro nível atual[...] (Professora Violeta. Entrevista, 2018).

Ao analisar o relato da professora fica claro o quanto ela se preocupa com os níveis que os alunos apresentam, que são verificados por meio de um diagnóstico para nortear como ela deverá trabalhar com a turma. A professora ainda complementa que se o aluno apresentar um nível muito baixo, trabalhará com ele rabisco, tracejo, até conseguir se desenvolver e avançar para um nível maior do que se encontra.

Diante das considerações finais das professoras se percebe que cada uma delas demonstrou ideias diferentes e complementares entre si sobre as suas experiências em avaliação da aprendizagem da leitura e escrita. A primeira professora frisou bastante a questão da diferença entre os tipos de avaliação: somativa, qualitativa e diagnóstica, bem como a importância de cada uma delas. A professora do 2º ano se deteu mais na questão das relações familiares que com certeza influencia o desenvolvimento das crianças e no resultado das

avaliações. Enquanto que a professora do 3º ano explicitou que trabalha as dificuldades dos alunos com base nos níveis que as crianças apresentam por meio dos diagnósticos realizados por ela.

CONCLUSÃO

Esta pesquisa de cunho teórico e pesquisa de campo, conclui que os instrumentos de avaliação de leitura e escrita são de conhecimento e uso dos professores que aqui foram pesquisados. Está explícito em suas práticas docentes uma gama de conhecimentos que envolvem a leitura e a escrita dos discentes que ensinam. Portanto, verificou-se que cada professor utiliza instrumentos que considera adequados ao desenvolvimento e dificuldades dos discentes. Constatou-se além disso, que estas docentes avaliam e identificam o nível de desenvolvimento de escrita dos alunos, bem como trabalham para que seus alunos avancem quanto ao nível de desenvolvimento da leitura e da escrita, pois essa atividade pode dar subsídio ao professor, para o ensino da escrita que está atrelada a leitura. Ainda a respeito das docentes, que são pesquisadoras natas, e apesar de serem apenas professoras contratadas do estado, procuram dar o seu melhor, preocupando-se principalmente com a alfabetização das crianças.

Este trabalho buscou junto as docentes saber quais os instrumentos avaliativos de leitura escrita utilizam, em especial aqueles utilizados para identificar os níveis de desenvolvimento de escrita e leitura, bem como trabalham os professores para que seus alunos avancem na perspectiva desses instrumentos.

O que se observa no relato das docentes é que procuram desempenhar um bom trabalho, comprometido com educação de fato e tentam auxiliar seus alunos na leitura, bem como em outras questões pedagógicas ou não. Demonstram além disso, conhecer bem a turma e consideravelmente a comunidade escolar formada pelos pais e responsáveis de alunos. Procuram ter uma boa relação com coordenação pedagógica, embora não se sintam com apoio do técnico pedagógico.

Quanto aos instrumentos avaliativos de leitura e escrita utilizados pelos docentes, constatou-se que são variados e se incluem no cotidiano das salas de aula. Não se trata pois de uma avaliação pontual, mas processual baseada em diversas estratégias como por exemplo: trabalhar ditados, textos simples, atividades extra-classe, a própria leitura e também com outros recursos voltados para leitura.

Ainda sobre seus relatos, houve semelhanças, como o fato de ambas professoras colocarem em sua prática o uso do tradicional como apontaram, seja pelo uso da cartilha, seja pelo uso das metodologias para as crianças aprenderem as sílabas e ou a ler. Foi também semelhante a opinião das professoras do 2º e 3º ano, ao assumir que quando seus alunos não

demonstram um bom resultado na avaliação costumam se auto avaliar, revendo sua prática pedagógica, enquanto que a professora do 1º ano procura realizar um trabalho de acordo com o nível do aluno. Assim também houve pontos de discordâncias como em relação a aprovação automática no 1º ciclo do ensino fundamental. A professora do 1º ano não ve com bons olhos essa questão, a do 2ª ano, já acha que quando se realiza um trabalho sério se consegue um bom resultado no final desse ciclo e a do 3º ano, considera que deixar o aluno retido poderia lhe causar frustrações.

Além do exposto, a pesquisa me auxiliou a realizar as seguintes ponderações:

- A importância que tem o trabalho do técnico pedagógico, quando se existe
- A importância que tem a formação do PNAIC, para os professores que tiveram oportunidade de fazer-lo, inclusive eu, que aprendi consideravelmente durante as formações
- A importância da família para apoiar, auxiliar os seus filhos e conseqüentemente o trabalho da professora.
- A importância de uma boa relação entre professores e a direção da escola
- A valorização do sujeito, seja alunos, professores, pais e até a própria comunidade local.

Finalmente, alcançar o termino dessa pesquisa é antes de mais nada reconhecer que ao investigar a respeito dos instrumentos avaliativos de leitura e escrita utilizados pelo professor, e como trabalham para que seus alunos avancem tanto na leitura quanto na escrita se configurou de forma afirmativa, visto que são da realidade do professor a sua utilização como confirmaram em seus relatos.

É preciso conceber que a leitura e a escrita são indissociáveis e que portanto hoje e sempre continuam sendo objeto de estudo para pesquisadores, professores e outros estudiosos do assunto, pois apesar de termos muitos professores comprometidos, ainda estamos longe de alcançar seu pleno desenvolvimento, visto por meio dos relatos das professoras e da própria realidade que nos cerca, que infelizmente muitos alunos estão chegando no fundamental II, ou seja, nos anos iniciais deste nível, como o 6º, 7º ano; sem sequer saberem esse básico que será importante para uma educação mais evoluída chamada letramento que é o que circunda a sociedade atual.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

Base nacional curricular comum

BIZZOTO, Maria Inês; AROEIRA, Maria Luísa; PORTO, Amélia. **Alfabetização linguística: da teoria à prática**. 1º ed. belorizonte: dimensão, 2010.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Algumas questões de linguísticas na alfabetização**. Departamento de linguística- faculdade de ciências e letras- Unesp/ Araraquara Unicamp/ campinas.

_____ : **alfabetização e ortografia**. Educar Curitiba, n 20, UFPR, 2002.

CARVALHO, Marlene. **Guia prático do alfabetizador**: 1º ed. São Paulo: ática, 2010 (princípios).

COUTINHO, Marília de Lucena. **Psicogênese da língua escrita: o que é? como intervir em cada umas hipóteses? uma conversa entre professores**.

FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre alfabetização**, 25º ed. São Paulo: Cortez. 2010 (coleção questões de nossa época; v.06)

_____ : **com todas as letras**. 4º ed. são Paulo: Cortez. 1993 (biblioteca da educação-série atualizada em educação –v.02)

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo freire**. 3º ed. são Paulo: centauro, 2001.

GAMBOA, Silvio Sánchez. **Pesquisa educacional**. 8º ed. são Paulo: Cortez, 2013. v.06 (questões da nossa época).

GATTI, Bernardete A. **A avaliação em sala de aula**. Revista brasileira de docência, ensino e pesquisa em turismo: 2009, v. 01, n.1.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliação: mito e desafio: uma perspectiva construtivista**. 39º ed. porto alegre. Mediação, 2008.

MEDEIROS: Suzana Maria Brito de; SOUZA, Rutilene Santos de. **E era onça mesmo! ensinando- aprendendo a ler na escola**. Pacto nacional pela alfabetização na idade certa. Caderno 5. A oralidade, a leitura e a escrita no ciclo de alfabetização. Brasília, 2015.

MORAIS, Artur Gomes de: **sistema de escrita alfabética**. 1º ed. são Paulo: melhoramentos, 2012.

_____ : **ortografia**: ensinar e aprender, 2010

MOREIRA, Terezinha de Jesus Moraes. **Dificuldades de leitura dos alunos do 4º ano de uma escola da zona rural do município de vigia de Nazaré/ PA- Colares**, 2017

MORTATTI, Maria Rosário Longo. **História dos métodos de alfabetização no brasil**. Brasília, 2006.

RIBEIRO, Madison Rocha. **Formação continuada de professores: cenários e desafios**. Universidade federal do Pará. Castanhal, 2004.

RUSSO, Maria de Fátima. **Alfabetização: um processo em construção**. 6ª ed. São Paulo: saraiva, 2001.

TFOUNI, Leda Verdiani. **Letramento e alfabetização**. 9ª ed. São Paulo: Cortez, 2010; v.15 9 coleção questões da nossa época).

WEISZ, Telma. **Viver mente & cérebro**. Especial Emília Ferreiro.

ANEXO

ROTEIRO DA ENTREVISTA

I- Caracterização dos informantes:

Sexo: feminino () masculino() idade: _____anos

Formação: _____ tempo de atuação como professor: _____

Ano/ série que atua: _____

II- Formação inicial e continuidade:

- 1- No seu curso de formação inicial (magistério ou graduação) você estudou sobre a avaliação da leitura e da escrita? Fale um pouco sobre essa formação.
- 2- Você já participou de algum curso de formação continuada sobre avaliação da leitura e escrita? Caso afirmativo, conte um pouco sobre essa formação.
- 3- Existe algum tipo de apoio da coordenação pedagógica em relação a avaliação de leitura e escrita dos alunos?

III-Concepção e prática de avaliação da leitura e escrita:

- 1- Como você avalia a leitura e a escrita de seus alunos? O que você acha importante de ser avaliado e como você organiza esse processo dentro do ano letivo?
- 2- Quais os instrumentos de avaliação de leitura e escrita mais utilizado por você (provas atividades extraclasse, etc.)? Por que você privilegia esse instrumento?
- 3- Você utiliza esses instrumentos para avaliar os níveis de desenvolvimento de escrita dos seus alunos?
- 4- Como você trabalha para que seus alunos avancem quanto ao nível de desenvolvimento da escrita?
- 5- Quais as fontes (internet, livros didáticos, manuais pedagógicos, vídeos, colaboração de outros professores, etc.) que você utiliza para a elaboração de atividades avaliativas?
- 6- Quanto as avaliações externas (provinha Brasil, Ana, etc..) elas influenciam na elaboração de algum instrumento avaliativo ou no formato das perguntas que você elabora para os alunos?
- 7- Você atribui notas para os seus alunos? Como você faz a distribuição dos pontos para atribuir as notas dos alunos?
- 8- Depois de aplicar a avaliação você realizar a correção em sala de aula com os alunos, explicando os erros cometidos?

- 9- Você discute o resultado das avaliações com os pais dos seus alunos?
- 10- O que você faz quando as avaliações de leitura e escrita, são muito negativas e demonstram que seus alunos não estão aprendendo?
- 11- Quanto ao processo avaliativo, há algum aspecto que lhe incomoda na hora de avaliar seus alunos, em relação a leitura e escrita?
- 12- O que você pensa sobre a aprovação automática no primeiro ciclo das séries iniciais?
- 13- Você acha que os alunos estão conseguindo finalizar o primeiro ciclo, realmente alfabetizados como exige a lei?
- 14- Você gostaria de falar mais alguma coisa sobre a sua experiência em avaliação da aprendizagem da leitura e escrita do 1º ciclo?